

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

PUC-SP

MICHELE GOMES MIRANDA

FUNK BRASILEIRO E OS EMBATES POLÍTICOS DE GÊNERO

O PROTAGONISMO FEMININO EM QUESTÃO

Mestrado em Comunicação e Semiótica

Dissertação apresentada à banca examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção de título de MESTRE em Comunicação e Semiótica: Signo e significação nos Processos Comunicacionais, sob orientação da Profa. Dra. Christine Greiner

SÃO PAULO

2022

BANCA EXAMINADORA

O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes).

No. do processo: 88887.509529/2020-00

AGRADECIMENTOS

À Capes, pela bolsa de estudos concedida para realização deste mestrado.

Às mulheres que escrevem suas histórias através do funk, pela resistência, coragem, empoderamento e por mudarem os rumos da indústria a cada beat.

A Christine Greiner, que deu o sentido mais fiel à palavra orientadora e transformou-se também em uma inspiração para além da Academia.

A Thany Sanches por ter sido a melhor companheira nesta caminhada acadêmica desde o primeiro dia.

A Helena Katz, Simone Pereira de Sá e Rogério Costa por terem iluminado minha pesquisa.

Aos meus pais, Mara e Carlos, por todo investimento emocional e financeiro que fizeram na minha carreira. Por sempre me apoiarem, acreditarem e embarcarem comigo.

A meu avô, Wilton, pela torcida e pelas conversas enriquecedoras.

A Roberta Erthal, Júlio Honaiser, Bruno Arraes, Leila Salim, Leonardo Franco, Daniel Azevedo, Carol Brasil, Saulo Frauches, Clara Erthal, Guilherme Passebon. Amigos que me ensinam tanto desde a escola e seguem para a vida toda, agregando novos integrantes, histórias e resistência.

A Barbara Lopes, Branca Lee, Cibelle Brito, Flávio Albuquerque, Gabriela Leal e Pablo Araújo por terem vindo do Jornalismo, multiplicado e continuado pela vida. A Erika Azevedo, Leonardo Lichote, Luciano Perez e Nuno Virgílio Neto: um grupo que ilumina minha existência. A Paula Miranda, Raquel Sepulveda, Natália Oliveira e Luciana Cianci pelas mulheres que vocês são e me ensinam a ser.

"O funk é um sonho da quebrada e na quebrada tem homens e mulheres. Mas nunca teve espaço pras minas".

MC Baronnesa

Escaneie o QR Code abaixo para acessar a *playlist* "No passinho delas", criada especialmente para ilustrar essa dissertação.



RESUMO

O tema desta dissertação é o funk brasileiro, com foco específico nos problemas de gênero que têm sido tacitamente alimentados durante o fortalecimento deste mercado. Nota-se a presença ostensiva do capitalismo comunicacional no modo como opera a indústria musical e, a partir de suas ações específicas no mercado funk, criam-se eixos de protagonismo que acionam inúmeros problemas relacionados à atuação das mulheres. Desde 2016, o Funk cresceu 4.694% na plataforma líder global de *streaming*, o *Spotify*. Além disso, o canal da produtora de funk *KondZilla* chegou a ser o terceiro maior do mundo, superando fenômenos globais, como Justin Bieber e Ed Sheeran. No entanto, a igualdade de gêneros não acompanha esse crescimento. A proporção de mulheres no funk brasileiro, com protagonismo no ritmo criado nas favelas do Rio de Janeiro nos anos 1980, ainda é muito tímida se comparada à quantidade de MCs e DJs do sexo masculino. A questão principal desta pesquisa é indagar se no funk a mulher está onde ela quer e que tipo de debates vêm sendo conduzidos pelas protagonistas das novas cenas que se apresentam.

Palavras-chave: 1. Funk brasileiro. 2. Mulheres no funk. 3. Problemas de Gênero.

ABSTRACT

The theme of this dissertation is Brazilian funk, with a specific focus on the gender problems that have been tacitly fed during the strengthening of this market. The ostensible presence of communicational capitalism is noted in the way the music industry operates and, from its specific actions in the funk market, axes of protagonism are created that trigger numerous problems related to the performance of women. Since 2016, Funk has grown by 4,694% on the leading global streaming platform, *Spotify*. In addition, the channel of funk producer *KondZilla* became the third largest in the world, surpassing global phenomena such as Justin Bieber and Ed Sheeran. However, gender equality has not kept pace with this growth. The proportion of women in Brazilian funk, with a leading role in the rhythm created in the favelas of Rio de Janeiro in the 1980s, is still exceedingly insignificant compared to the number of male MCs and DJs. The main question of this research is to ask if in funk the woman is where she wants and what kind of debates are being conducted by the protagonists of the new scenes that are presented.

Keywords: 1. Brazilian funk. 2. Women in funk. 3. Gender Issues.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1. NO PASSINHO DELAS	16
FIGURA 2. CORPOMÍDIA E POLÍTICA	25
FIGURA 3. ANITTA EM "VAI MALANDRA", FUNK VOLTADO PARA O PÚBLICO BRASILEIRO	33
FIGURA 4. ANITTA EM "ENVOLVER"	34
FIGURA 5. MC MELQUI E MC KEKEL	38
FIGURA 6. ORGULHO (IMPORTADO) DE SER NEGRO NO BRASIL	45
FIGURA 7. ALGUMAS DAS PLAYLISTS OFICIAIS DE FUNK DO SPOTIFY	50
FIGURA 8. PAQUITAS: LOIRAS, BRANCAS, DE OLHOS AZUIS, COM FIGURINO <i>STREET</i>	54
FIGURA 9. XUXA ARRISCA PASSOS DE <i>BREAKDANCE</i> COM <i>BBOYS</i> EM "LUA DE CRISTAL"	56
FIGURA 10. FURACÃO 2000	57
FIGURA 11. MC TRANS, UMA DAS PRINCIPAIS REPRESENTANTES DA COMUNIDADE LGBTQIA+ NO FUNK	60
FIGURA 12. ROBERTO PRICE - LACRAIA (À FRENTE) E MC SERGINHO	64
FIGURA 13. BOQUETÁXI	65
FIGURA 14. ANITTA "ENVOLVER"	68
FIGURA 15. MC DRICKA DURANTE GRAVAÇÃO DO DOCUMENTÁRIO "NO PASSINHO DELAS"	72
FIGURA 16. MICHELE MIRANDA, A CANTORA WINNIE E A DIRETORA DE FOTOGRAFIA THANY SANCHES DURANTE GRAVAÇÃO DO DOCUMENTÁRIO "NO PASSINHO DELAS"	73
FIGURA 17. MICHELE MIRANDA ENTREVISTA MC BARONNESA PARA O DOCUMENTÁRIO "NO PASSINHO DELAS"	78
FIGURA 18. DIRETORA DE FOTOGRAFIA ISADORA TOTARO DURANTE ENTREVISTA COM RITA DE CÁSSIA PARA O DOCUMENTÁRIO "NO PASSINHO DELAS"	84

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
FAIXA 1. O “PROTAGONISMO” FEMININO	17
FAIXA 2. FUNK PERIFÉRICO X FUNK TELEVISIONADO	27
FAIXA 3. EMBRANQUECIMENTO NO POP	30
FAIXA 4. UM CORPO FERIDO, MASSACRADO	35
FAIXA 5. RAP DO FUNK NEGRO	44
FAIXA 6. A HISTÓRIA DO FUNK SOB A VISÃO DELAS	50
FAIXA 7. TRANSFOBIA RECREATIVA	59
FAIXA 8. ENVOLVIDA FEAT. ANITTA	67
DOCUMENTÁRIO PILOTO	73
ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS	86
BIOGRAFIAS	88
MC DRICKA	88
MC BARONNESA	88
MC TRANS	88
ANITTA	89
VALESCA POPOZUDA	89
DEIZE TIGRONA	90
TATI QUEBRA BARRACO	90
MC CAROL DE NITERÓI	91
MC CACAU	91
LEXA	91
POCAH	92
REBECCA	92
TATI ZAQUI	93
JOJO MARONTTINI OU JOJO TODYNHO	93
DANI RUSSO	94
LIA CLARK	94
MC MIRELLA	95

LUDMILLA	95
MC KATIA	96
VANESSINHA PIKACHU	96
MC PINK	96
CLAUDIA MEL	97
VERÔNICA COSTA	97
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	98

INTRODUÇÃO

O INÍCIO DA PESQUISA

Ao trabalhar como jornalista musical no Jornal O Globo e depois como curadora musical no *Spotify*, plataforma de áudio líder de *streaming* no mundo, vivi algumas situações fundamentais que me levaram a iniciar esta pesquisa. Uma delas aconteceu em 2018, quando uma das maiores produtoras de funk do país foi convidada para um workshop no escritório do *Spotify*, encontrei-me em uma sala com cerca de 40 homens e somente eu como representante do sexo feminino. Ou seja, não havia ali outras mulheres nem em funções executivas, nem como artistas. Este foi o episódio central, mas não único, que me instigou a investigar a fundo o papel que a mulher ocupa na indústria do funk, aliado ao principal *slogan* que virou praticamente o hino do feminismo e que é repetido por mulheres em manifestações e nas redes sociais: *Lugar de mulher é onde ela quiser*. Mas no funk, assim como no mundo, essa realidade parece ainda muito distante de ser verdade.

É claro que o funk, assim como o rock, o reggae, o hip hop e outros gêneros musicais, refletem a condição desafiadora que a mulher enfrenta não só na indústria da música, como na sociedade. O machismo e a misoginia não são exclusividades do funk. No sertanejo, outro gênero que lidera as paradas musicais do Brasil, a mulher levou décadas para ter voz. Marília Mendonça, morta em um acidente aéreo em novembro de 2021, era a maior artista em números do sertanejo no *Spotify*, mas ela começou a carreira como compositora de músicas para artistas homens, assim como suas amigas e companheiras de projeto, Maiara & Maraisa. Outra dupla de sucesso, Simone & Simaria, começou como *backing vocal* do cantor de forró Frank Aguiar.

Foi através de um movimento espontâneo nomeado de *Feminejo* que diversas duplas e cantoras solo mulheres começaram a liderar as paradas de sucesso do sertanejo e tiveram seus cachês de shows aumentados exponencialmente. Vale lembrar que o *Feminejo* chegou a ser renegado por algumas artistas do sertanejo que negavam o título de feministas, mas depois voltaram atrás ao entenderem o conceito por trás da expressão. Mas e no funk? O que está sendo feito pelas mulheres? Não se trata apenas de um grito de luta, mas de um grito de existência.

O que queremos nesta pesquisa é identificar as lutas travadas diariamente pelas mulheres em busca de protagonismo, empoderamento, além da liberdade sexual no funk que

refletem também as escolhas da mulher, se ela quer exibir seu corpo e "rebolar sua bunda hoje", parafraseando um bordão clássico de Anitta em seus shows; ou se prefere apresentar um figurino que esconda seu corpo, como MC Dricka, que gosta de usar calça jeans e camisa polo. Os dois casos precisam ser aceitos como legítimos dentro do funk, como argumentam as funkeiras entrevistadas nesta dissertação.

Ao longo dos anos, ao frequentar bailes funk, entrevistar artistas e circular pelos bastidores de shows, detectei essa falta de autonomia do corpo feminino em ocupar espaços desejados pelas próprias mulheres, muitas vezes designadas a papéis secundários. Em alguns casos, a mulher é calada, literalmente invisibilizada, como aprofundaremos a seguir na história sobre a cantora que gravou o grande hit do carnaval de 2020 e teve seu nome retirado dos créditos. Minha preocupação em compartilhar esse problema nasce de uma atuação prática na indústria do funk, além da vivência em comunidades.

Dos três aos 15 anos de idade (nascida em 1984, hoje tenho 37 anos), morei na entrada da comunidade intitulada de Morro da Paulada, no bairro de Santa Rosa, em Niterói, cidade do estado do Rio de Janeiro. Na última década, o Morro da Paulada foi renomeado de Alameda Tropical. Os bailes funk eram frequentes, praticamente diários entre o fim dos anos 1980 e 1999, quando me mudei de lá.

Apesar de não frequentar os bailes nesta época pela minha pouca idade, a proximidade da janela do meu quarto com o local do baile era tanta, que era possível entender com clareza as letras cantadas pelos MCs e ouvir os *beats* com precisão, assim como havia também a necessidade de me esconder entre as mobílias com minha família nos dias mais tensos, com medo de bala perdida nas trocas de tiro entre tráfico e polícia. Na minha memória ainda é vívida a lembrança dos raps e das melôs - como eram chamadas as músicas do funk no início do movimento -, de suas letras e, principalmente, das vozes masculinas que as cantavam. Não consigo me lembrar de ouvir nenhuma voz feminina.

Como se tratava de uma região de conflito constante pela presença do tráfico de drogas, isso se refletia nas letras dos funks. O som mais comum era dos chamados proibidões, aqueles funks cuja letra vem sem pudores, em geral, relatam violência policial ou contra policiais, exaltam líderes do tráfico e armas, explicitam abusos contra mulher, entre outros assuntos delicados. Embora esse tema não seja central na pesquisa, vamos falar um pouco sobre a origem violenta das favelas, o racismo e sua consequência direta no funk e como isso impacta a carreira das mulheres. A violência, aliás, é tema para o funk desde seu início, como

se pode perceber ao analisar a letra de "Rap da Felicidade"¹, lançada em 1994, por Cidinho e Doca, que virou um dos hinos do gênero ao ter os seguintes versos em seu trecho:

Minha cara autoridade, eu já não sei o que fazer
 Com tanta violência eu sinto medo de viver
 Pois moro na favela e sou muito desrespeitado
 A tristeza e alegria aqui caminham lado a lado
 Eu faço uma oração para uma santa protetora
 Mas sou interrompido a tiros de metralhadora
 Enquanto os ricos moram numa casa grande e bela
 O pobre é humilhado, esculachado na favela
 Já não aguento mais essa onda de violência
 Só peço à autoridade um pouco mais de competência
 Eu só quero é ser feliz
 Andar tranquilamente na favela onde eu nasci, han
 E poder me orgulhar
 E ter a consciência que o pobre tem seu lugar
 Mas eu só quero é ser feliz, feliz, feliz, feliz, feliz
 Onde eu nasci, é
 E poder me orgulhar
 E ter a consciência que o pobre tem seu lugar

Além disso, posso adiantar o que Verônica Costa - uma das mulheres mais importantes na construção do funk no Brasil com atuação nas mídias, na política e no mercado musical - diz sobre o conteúdo das músicas:

Muita gente fala pra mim: "Esse funk é horróroso, isso tinha que acabar". Eu falo assim: Eles não podem cantar as letras do Chico Buarque, eles não têm essa base. Eles denunciam, através da música deles, a realidade que vivem. Essa realidade só quem vive na favela, só quem tem essa dor entende.²

A partir da fala das funkeiras ou de mulheres que atuam na indústria do funk, aliada a uma necessidade minha de encontrar interlocutoras femininas em reuniões, bailes, no palco e nos bastidores, decidi aprofundar a questão da dificuldade que a mulher tem para alcançar o protagonismo no funk, através de leituras que envolvem sexo, corpo, racismo e mercadoria.

Nesta pesquisa, debrucei-me no conceito de corpomídia, criado por Christine Greiner e Helena Katz (2015), cuja premissa é tratar o corpo como mídia de si mesmo e não como um veículo de algo ou alguém. Como a própria teoria corpomídia propõe, não se trata de compreender o corpo a partir de um determinismo biológico ou cultural, mas sim de reconhecer o modo como corpos-sujeitos se constituem a partir das relações com outros

¹ Ouça "Rap da Felicidade" no YouTube: <https://www.youtube.com/watch?v=z34HcBcqTas>

² Trecho da entrevista de Verônica Costa para seu documentário "Meu patrimônio é a minha história", lançado em 2020.

corpos-sujeitos e ambientes. Nesta teoria, ambiente também não é apenas um lugar geográfico, mas um ambiente político, cultural, subjetivo.

Quando pensamos no funk e nas suas imagens, há uma complexidade de relações que se estabelecem com esses ambientes em uma rede intrincada da favela com ambientes midiáticos, dispositivos capitalistas do mercado musical, questões relacionadas a racismo, patriarcalismo e uma série de problemas de gênero. É como se existissem várias camadas sobrepostas de poder: a do asfalto sobre a favela até chegar na camada do homem da favela sobre a mulher da favela. De certa forma, começar a estudar essas complexidades é um dos grandes desafios desta dissertação de mestrado.

Em termos metodológicos, fizemos uma escolha de trabalhar algumas bibliografias fundamentais que navegam por autoras que discutem feminismo e problemas de gênero, como Judith Butler (2012 e 2019), questões raciais através de Achille Mbembe (2018), Jota Mombaça (2020) e de Lélia Gonzalez (2020), a fim de trazer o debate sob uma ótica brasileira, além de uma bibliografia específica do funk. Neste quesito, foi fundamental a leitura de autores como Simone Pereira de Sá, que traz uma visão contemporânea da explosão do funk nos meios digitais, e Hermano Vianna, que escreveu um dos primeiros livros sobre funk, publicado em 1988, necessário para entender o lugar que a mulher ocupava nos primeiros bailes do Rio de Janeiro. A ideia desta pesquisa é analisar como racismo e feminismo estão moldando a história das mulheres no funk.

Essa bibliografia se soma às entrevistas com principais personagens do funk atual, como MC Dricka - que é uma das maiores artistas desta geração - além de mulheres fundamentais que ajudaram a escrever a história do funk em seus primeiros passos, como a primeira MC mulher do Brasil, MC Cacau. Algumas dessas entrevistas foram registradas em vídeo para futuramente virar um documentário e ser mais um veículo para contar a história dessas mulheres. Por ora, editamos uma espécie de piloto deste documentário com cerca de dez minutos: "Funk: No Passinho Delas". Em termos metodológicos, o documentário é uma parte fundamental desta dissertação. De certa forma, a pesquisa de mestrado foi uma preparação para o documentário e ajudou a problematizar de maneira mais aprofundada algumas questões que talvez tivessem escapado se não fosse a leitura de alguns autores fundamentais, como foi mencionado anteriormente.

Da mesma forma, as entrevistas com as funkeiras, fundamentam a discussão de maneira a criar uma rede entre as problematizações presentes nas bibliografias e a vivência

nos bailes e no mercado musical. Por fim, com o intuito de catalogar historicamente as mulheres que estão “virando o jogo” no funk, foram produzidas dezenas de minibiografias contemplando os feitos das artistas que vêm contribuindo para o crescimento da mulher no funk, cujo ápice aconteceu em março de 2022, com a chegada de Anitta ao primeiro lugar global no *Spotify*. Esse acontecimento, sobre como uma artista nascida no funk alçou o topo da maior plataforma de streaming de áudio do mundo com uma música pop em espanhol, também será abordado nesta dissertação.

Figura 1. No passinho delas



Fonte: Abertura do documentário "Funk: No passinho delas"

Faixa 1. O “ PROTAGONISMO” FEMININO

Quando um telespectador ouve o beat do Funk, acompanhado de uma voz feminina, invadir a sua casa, talvez ele não imagine o percurso que não só aquela artista, mas dezenas de mulheres desse segmento, tiveram que percorrer ao longo dos 30 anos do nascimento do funk brasileiro para conquistar cada espaço deste gênero tão dominado pelos homens.

Apesar do reconhecido sucesso de várias cantoras, como Anitta, Ludmilla, Tati Quebra Barraco e Valesca Popozuda, a inserção feminina no mercado ainda é ambígua. Se, por um lado, intérpretes e compositoras estão em cena e são ovacionadas pelo público, por outro, continuam sendo coadjuvantes na indústria musical em diversos sentidos e, não raramente, para sobreviver artisticamente, interpretam composições cujas letras acentuam a objetificação e de subjetivação feminina, como é relatado por elas. Butler defende que "quando os corpos se reúnem em assembleia nas ruas, praças ou em outros locais públicos é o exercício - que se pode chamar de performativo - do direito de aparecer, uma demanda corporal por um conjunto de vidas mais vivíveis" (BUTLER, 2019, p. 31).

Há uma constituição corporal na presença das mulheres no funk que está impactada por uma série de questões constituídas a partir de uma prática discursiva masculina, muitas vezes norteadas pelo racismo e pela condição política e social dessas mulheres. Trata-se de uma rede cíclica, que promove invisibilidade a essas mulheres, embora seja importante afirmar que tal invisibilidade não signifique ausência, como argumenta MC Baronessa, em entrevista presencial, em dezembro de 2020: "O funk é um sonho da quebrada e na quebrada tem homens e mulheres. Mas nunca teve espaço pras minas".

Em 1988, o antropólogo Hermano Vianna usou a ebulição nascente dos primeiros bailes funk no Rio de Janeiro para escrever "O mundo funk carioca", um dos raros livros sobre o gênero musical. Nele, quando Vianna descreve sua visita a um baile funk, ele deixa claro que às mulheres cabia quase exclusivamente as funções de dançarina e de acompanhantes de seus namorados, enquanto os homens estavam no palco como artistas e MCs, conduzindo as *pick-ups* de DJ, comandando os bastidores e as filas do passinho. Um dos *hits* desta época, "Endereço dos bailes", de Mc Júnior e Mc Leonardo, é praticamente uma crônica sobre os bailes funk, com relatos do que acontecia nessas festas, as principais localidades e alguns versos para falar sobre a posição ocupada pela mulher: "O morro enche de gatinha / Que vem pro baile curtir / Ouvindo charme, rap, melody ou montagem / É funk

em cima, é funk embaixo".

"Endereço dos bailes", de Mc Júnior e Mc Leonardo ³
 É que no Rio tem mulata e futebol
 Cerveja, chopp gelado, muita praia e muito sol, é...
 Tem muito samba, Fla-Flu no Maracanã
 Mas também tem muito funk rolando até de manhã
 Vamos juntar o mulão e botar o pé no baile Dj
 Ê ê ê ah! Peço paz para agitar
 Eu agora vou falar o que você quer escutar
 Ê ê ê! Se liga que eu quero ver
 O endereço dos bailes eu vou falar pra você
 É que de sexta a domingo na Rocinha
 O morro enche de gatinha
 Que vem pro baile curtir
 Ouvindo charme, rap, melody ou montagem
 É funk em cima, é funk embaixo
 Que eu não sei pra onde ir
 O Vidigal também não fica de fora
 Final de semana rola um baile *shock legal*
 A sexta-feira lá no Galo é consagrada
 A galera animada faz do baile um festival
 Tem outro baile que a galera toda treme
 É lá no baile do Leme lá no Morro do Chapéu
 Tem na Tijuca um baile que é sem bagunça
 A galera fica maluca lá no Morro do Borel
 Ê ê ê ah! Peço paz para agitar
 Eu agora vou falar o que você quer escutar
 Ê ê ê! Se liga que eu quero ver
 O endereço dos bailes eu vou falar pra você
 Vem Clube Íris, vem Trindade, Pavunense
 Vasquinho de Morro Agudo e o baile Holly Dance
 Pan de Pillar eu sei que a galera gosta
 Signos, Nova Iguaçu, Apollo, Coelho da Rocha, é...
 Vem Mesquitão, Pavuna, Vila Rosário
 Vem o Cassino Bangu e União de Vigário
 Balanço de Lucas, Creib de Padre Miguel
 Santa Cruz, Social Clube, vamos zoar pra dedéu
 Volta Redonda, Macaé, Nova Campina
 Onde também tem muita mina que abala os corações
 Mas me desculpe onde tem muita gatinha
 É na favela da Rocinha lá na Clube do Emoções
 Vem Coleginho e a quadra da Mangueira
 Chama essa gente maneira
 Para o baile do Mauá
 O Country Clube fica lá na Praça Seca
 Por favor, nunca se esqueça
 Fica em Jacarepaguá
 Ê ê ê ah! Peço paz para agitar
 Eu agora vou falar o que você quer escutar
 Ê ê ê! Se liga que eu quero ver
 O endereço dos bailes eu vou falar pra você
 Tem muitos clubes e favelas que falei
 Muitas vezes eu curti, me diverti e cantei
 Mas isso é pouco vamos juntos fazer paz
 Se não fosse a violência o baile funk era demais
 Eu, Mc Junior, cantei pra te convidar

³ Ouça aqui "Endereço dos Bailes" no YouTube <https://www.youtube.com/watch?v=mhdt-ZUx9DY>

Pros bailes funks do rio, você não pode faltar
 E pra você que ainda não está ligado
 Agora o Mc Leonardo um conselho vai te dar
 Pode chegar junto com a sua galera
 E no baile zuar à vera, pode vir no sapatinho
 Dançar, dançar com a dança da cabeça
 Com a dança da bundinha ou puxando seu trenzinho
 Ê ê ê ah! Peço paz para agitar
 Eu agora vou falar o que você quer escutar
 Ê ê ê! Se liga que eu quero ver
 O endereço dos bailes eu vou falar pra você
 Ê ê ê ah! Peço paz para agitar
 Eu agora vou falar o que você quer escutar
 Ê ê ê! Se liga que eu quero ver
 Mc Junior e Leonardo voltarão, tu podes crer.

Em “A política do performativo em Butler”, Prado (2019, pág.79) ressalta a importância da obra de Judith Butler “nas lutas feministas a partir do tema da performatividade de gênero, fundamental na construção de políticas emancipatórias buscadas pelos movimentos sociais a partir dos anos 1980 e 90”. Segundo Butler:

A performatividade não é, portanto, um ‘ato’ singular, pois é sempre reiteração de uma norma ou de um conjunto de normas, e na medida em que adquire a condição de ato no presente, ela oculta ou dissimula as convenções das quais é uma repetição (BUTLER. 2019, p. 34).

Justamente nesse período em que a obra de Butler reverbera, a presença feminina no funk era ainda mais rara. O disco de partida considerado o marco zero do funk brasileiro, “Funk Brasil” (1989), de DJ Marlboro, não tem nenhuma participação feminina, por exemplo.

Há toda uma constelação de dificuldades e a presença feminina no funk traz também debates que envolvem temas comuns ao cotidiano das comunidades, como racismo e desigualdades sociais, além de suscitar debates mais específicos sobre feminismo, violência contra a mulher e sexualidade. O corpo das artistas de funk está a todo momento agenciando outras conexões, portanto não é somente o estado orgânico que afeta esse corpo, mas também o estado político. MC Carol de Niterói lançou uma das faixas mais emblemáticas da luta feminista no funk, em 2016, sob nome de "100% Feminista", em parceria com Karol Conká.

Na faixa, as artistas expõem o amadurecimento do empoderamento feminino na nova geração, que viu a mãe ou a avó sofrerem violência dentro de casa, mas entendeu que passar por aquilo não era o "normal". A mulher oprimida não era a única possibilidade de vida, então ela diz que quando crescer, vai ser diferente. No verso seguinte, a música já faz uma virada a partir de "Eu cresci", que é quando ela vira "bandida", ou seja, na gíria do funk isso significa

ser poderosa e 100% feminista, através do embasamento e inspiração de outras mulheres que combateram o racismo e mudaram o rumo da luta feminista ao longo da História, como Dandara e Chica da Silva.

Quando criança, eu já era feminista sem saber o que era. Eu brigava muito na rua pra me defender, não brigava à toa. Eu não abaixava a cabeça pra ninguém. Meu avô não entrava na cozinha. Não... Comigo, na minha casa, vai ser diferente. Uma coisa que me incomodava muito é que as meninas da minha sala engravidavam e saíam da escola. Eu ia ver a vida dos meninos e estava normal: na escola, jogando bola. Foi quando escrevi minha primeira música: "Vou largar de barriga", que é um cara falando que vai me largar de barriga (grávida), e eu retruco. As pessoas têm uma imagem de mim muito forte. Mas nem sempre eu sou. Eu coloco isso em "100% Feminista". Minha fragilidade não diminui a minha força. Às vezes eu sou frágil.⁴

100% Feminista, de MC Carol de Niterói e Karol Conká⁵:

Presenciei tudo isso dentro da minha família
Mulher com olho roxo, espancada todo dia
Eu tinha uns cinco anos, mas já entendia
Que mulher apanha se não fizer comida
Mulher oprimida, sem voz, obediente
Quando eu crescer, eu vou ser diferente

Eu cresci
Prazer, Carol bandida
Represento as mulheres, 100% feminista
Eu cresci
Prazer, Carol bandida
Represento as mulheres, 100% feminista

Represento Aqualtune, represento Carolina
Represento Dandara e Chica da Silva
Sou mulher, sou negra, meu cabelo é duro
Forte, autoritária e às vezes frágil, eu assumo
Minha fragilidade não diminui minha força
Eu que mando nessa porra, eu não vou lavar a louça

Sou mulher independente não aceito opressão
Abaixa sua voz, abaixa sua mão

Mais respeito
Sou mulher destemida, minha marra vem do gueto
Se tavam querendo peso, então toma esse dueto
Desde pequenas aprendemos que silêncio não soluciona
Que a revolta vem à tona, pois a justiça não funciona
Me ensinaram que éramos insuficientes
Discordei, pra ser ouvida, o grito tem que ser potente

Eu cresci
Prazer, Karol bandida
Represento as mulheres, 100% feminista
Eu cresci
Prazer, Karol bandida

⁴ Entrevista da MC Carol de Niterói para o documentário "Sou MC Carol, 100% Feminista".

⁵ Ouça aqui "100% Feminista", de Mc Carol de Niterói e Karol Conká no YouTube
<https://www.youtube.com/watch?v=tVqvr3ZNsZg>

Represento as mulheres, 100% feminista

Represento Nina, Elza, Dona Celestina
 Represento Zeferina, Frida, Dona Brasilina
 Tentam nos confundir, distorcem tudo o que eu sei
 Século XXI e ainda querem nos limitar com novas leis
 A falta de informação enfraquece a mente
 Tô no mar crescente porque eu faço diferente
 Eu cresci
 Prazer, Carol bandida
 Represento as mulheres, 100% feminista
 Eu cresci
 Prazer, Karol bandida
 Represento as mulheres, 100% feminista

Eu cresci
 Prazer, Carol bandida
 Represento as mulheres, 100% feminista
 Eu cresci
 Prazer, Karol bandida
 Represento as mulheres, 100% feminista

100%, por cento, por cento, por cento feminista

Na origem do funk brasileiro, a mulher costuma aparecer em posição extrema de sensualização e falta de protagonismo. Existe uma corrente que acredita que o fato de a mulher não expor seu corpo é uma libertação tão grande quanto decidir expô-lo. Quando uma mulher entra neste ambiente, é possível se "contaminar" por ele e se despolitizar, ou seja, adaptar-se ao ambiente proposto, violentando as suas vontades.

Os caras querem gravar a gente de calcinha, de biquíni, falando que vai dar pra quatro macho. Não acho na minha experiência que a mulher tem espaço pra direcionar, guiar a carreira dela, somos um monte de pau mandado. A Anitta, sim, está mandando na carreira dela e tudo bem se ela quer aparecer de sutiã e calcinha. Eu tô falando que quando a gente quer fazer diferente, que não seja sensual, provocativo, que não mostre o corpo, aí não pode, não vende. ⁶ (informação verbal)

MC Dricka e MC Baronnesa usam suas letras para implementar uma resistência. Fazem bailes exclusivos para mulheres e afirmam ser independentes financeiramente, como aparece em "E nós tem um charme que é dahora"⁷, de Mc Dricka, onde ela repete várias vezes a frase: "Eu posso me bancar", assim como em "Festa na Marina"⁸, que começa com o seguinte verso: "Fui pro jet, festa na marina / No barco só as amigas / Uns pergunta: E o velho da lancha? / Não tem velho, é nós que se banca".

⁶ Entrevista concedida presencialmente por MORAES, Jheslen, cujo nome artístico é MC Baronnesa, a Michele Miranda, em março de 2021.

⁷ Ouça "E nós tem um charme que é dahora", de Mc Dricka, no YouTube: <https://www.youtube.com/watch?v=h53iBmEKupg>

⁸ Ouça "Festa na Marina", de Mc Dricka, no YouTube: <https://www.youtube.com/watch?v=w4K0qHD18u0>

Tenho certeza que se eu emagrecer 20kg, colocar silicone e passar a cantar "fode a minha buceta", eu vou mais rápido. Já fui vítima do machismo dentro do funk 500 mil vezes. Seu número de seguidores vai aumentar, porque é isso que os homens querem ver das mulheres. Não tô nem aí se não vende pros homens, eu quero é atingir as mulheres mesmo.⁹ (informação verbal)

E nós tem um charme que é da hora - Mc Dricka
 Aí, aí
 É assim, ó
 Então pega a visão
 E nós tem um charme que é da hora, da hora
 Um sorriso que é de impressionar
 E nós desenrola nas palavra, não leva desaforo pra casa
 Eu que posso me bancar
 Ó, de nave nós tamo a milhão
 No baile, chamando atenção
 E as recalcada me odeia, nós é porte de sereia
 Desejo dos vilã-ã-ã-ão
 E nós tem um charme que é da hora, da hora
 Um sorriso que é de impressionar
 E nós desenrola nas palavra, não leva desaforo pra casa
 Eu que posso me bancar
 E nós tem um charme que é da hora, da hora
 Um sorriso que é de impressionar
 E nós desenrola nas palavra, não leva desaforo pra casa
 Eu que posso me bancar
 Alô, Dieguin'
 É nós que tá
 É o Dieguinho NVI
 Aí, Dieguinho NVI
 Então pega a visão, ó, ó
 Acompanha a versão
 E nós tem um charme que é da hora, da hora
 Um sorriso que é de impressionar
 E nós desenrola nas palavra, não leva desaforo pra casa
 Eu que posso me bancar
 Ó, de nave nós tamo a milhão
 No baile, chamando atenção
 E as recalcada me odeia, nós é porte de sereia
 Desejo dos vilã-ã-ã-ão
 E nós tem um charme que é da hora, da hora
 Um sorriso que é de impressionar
 E nós desenrola nas palavra, não leva desaforo pra casa
 Eu que posso me bancar
 E nós tem um charme que é da hora, da hora
 Um sorriso que é de impressionar
 E nós desenrola nas palavra, não leva desaforo pra casa
 Eu que posso me bancar
 Alô, Dieguin'
 É nós que tá
 É o Dieguinho NVI
 Aí, Dieguinho NVI

⁹ Entrevista concedida presencialmente por MORAES, Jheslen, cujo nome artístico é MC Baronnesa, a Michele Miranda, em março de 2021.

Então pega a visão, ó, ó

É importante analisar esta questão da exposição e sensualização do corpo feminino sem juízo de valor. Se, de maneira geral, nota-se um alinhamento com o mercado em busca de sucesso, há também, como mencionamos, diferentes pontos de vista. O que parece evidente é que, de fato, não basta criar um discurso. É preciso criar um ambiente novo, que implica em novos corpos, como esclarece a teoria corpomídia:

A vida nua e animal não está despida daquilo que a cerca e de tudo o que antecedeu. Todo corpo é sempre um corpomídia, isto é, um estado transitório das trocas que faz com os ambientes. Assim, a vida nua, essa força produtora das formas de vida que podem surgir, age nesse trânsito de trocas que promove mestiçagens entre natureza e cultura. (KATZ, GREINER, 2010, p. 132).

As artistas do funk que defendem, portanto, que não é preciso mostrar peitos e bunda elaboram um agenciamento de outros corpomídia que se apresentam. No entanto, existe um contraponto de mulheres que gostam de exibir o corpo ou a raba, como costumam se referir ao bumbum, e assim sentem-se empoderadas, fortes, demonstrando, assim, sua forma de resistência, como afirma MC Dricka:

O corpo da mulher no funk ainda é uma moeda. Mas já vi mudar um pouco. Algumas mulheres preferem sensualizar e mostrar mais o corpo. É um sinal de empoderamento também. Já me senti ofendida por muitas músicas cantadas por homens. Só que comecei a deixar essa ofensa de lado e comecei a ofender. Aí foi onde começou a girar as coisas. Antes nós se sentia envergonhada. Hoje em dia, a gente prefere ser piranha do que ser infeliz. A maioria das mulheres já começou a ter amor-próprio então está amenizado. Prefiro ser piranha do que viver com uma pessoa que não me faz feliz. (INFORMAÇÃO VERBAL)¹⁰

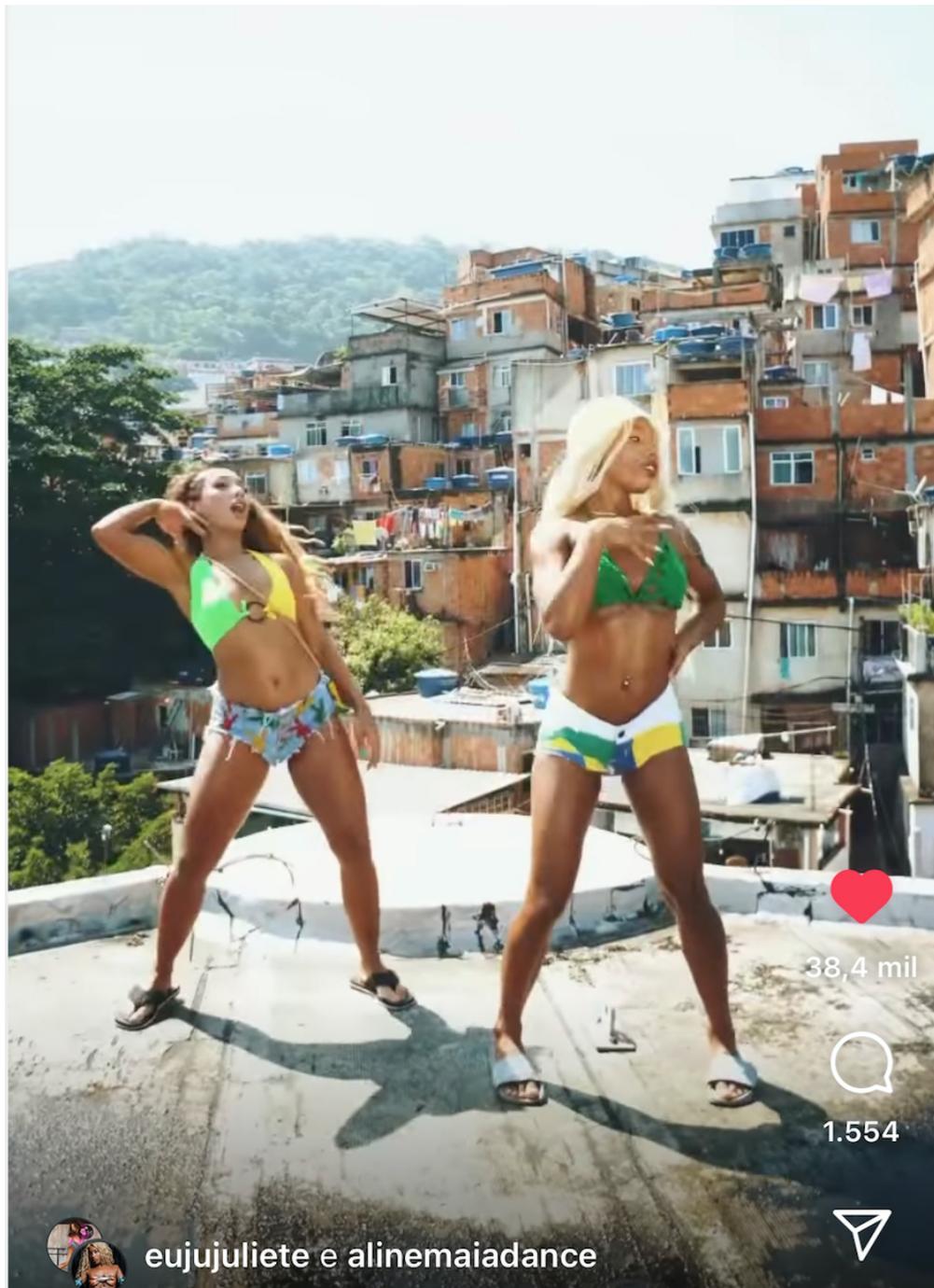
Ainda no debate do corpomídia, há exemplos de mulheres no funk que usam o corpo como manifestação política. As dançarinas Jujuliete e Aline Maia, conhecidas no Instagram por viralizar coreografias de grandes hits do funk, usaram o poder de seus corpos, de suas expressões artísticas na dança e das suas redes sociais para, através de uma coreografia da música "Agora eu sou solteira", da Gaiola das Popozudas, com um figurino repleto de signos das cores do Brasil, protestar contra a apropriação da bandeira brasileira por parte da extrema direita, que costuma se manifestar a favor do presidente Jair Bolsonaro com elementos verde-amarelos, incluindo a camisa da seleção brasileira de futebol.

¹⁰ Entrevista concedida presencialmente por SANTOS, Fernanda, cujo nome artístico é MC Dricka, a Michele Miranda, em abril de 2021.

A retomada da bandeira é nossa e ninguém vai nos segurar!! Para descolonizar a história, o Brasil é uma invasão, mas nossa cultura é a verdadeira riqueza imensurável!!! Trazer as boas memórias de um Brasil com personalidade é o que queríamos com esse vídeo, e o hino carioca da @valescapozuda deixa isso muito mais goxxtoso. ¹¹

¹¹ Texto postado por Jujuliete em seu Instagram @eujuliete, em maio de 2022.

Figura 2. Corpomídia e política



Fonte: Instagram

Há, portanto, ainda muitas questões que norteiam o protagonismo feminino no funk. Se por um lado, o número de funkeiras cresceu muito e tem fortalecido uma multiplicidade de vozes que defendem, cada qual a seu modo, uma posição política; por outro lado, há ainda muito por fazer e a contaminação dos ambientes cuja presença masculina é soberana, impacta

os discursos não apenas dos homens, mas também das próprias mulheres que nem sempre percebem com clareza o modo como os dispositivos de poder norteiam as suas próprias falas.

Algumas vezes, esses dispositivos calam as mulheres também de maneira literal. É o caso da pernambucana Duda Rosa, ligada ao Brega Funk. É a voz dela que aparece no refrão de "Sentadão", *megahit* que chegou ao primeiro lugar das paradas do Brasil, em 2019, e foi o hit do Carnaval 2020. Nasceu de uma parceria entre Pedro Sampaio, um dos maiores artistas do funk pop atual, com os expoentes do brega funk, JS o Mão de Ouro e Felipe Original. Apesar de sua voz ser talvez a marca principal desta música - já que o refrão é muito representativo - seu nome não aparece nos créditos. Ao ser perguntada por mim sobre o porquê de seu nome não aparecer na faixa, ela não soube explicar, apesar de demonstrar frustração. Questionei se não havia um contrato ou algo do tipo, mas ela também não soube responder.

Com a proliferação de letras cada vez mais politizadas, ações conduzidas pelas próprias funkeiras e mudanças que ocorrem, pouco a pouco, no mercado musical, é possível prever uma transformação de ambiente em futuro próximo, no sentido discutido por Greiner e Katz (2010), ou seja, do ambiente que não se restringe à geografia, mas sim, a uma rede sógnica política e cultural.

Em "Barbie", lançada no fim de 2021, as cantoras Rebecca, Lexa, Pocah e Danny Bond começam a letra já anunciando uma diferença na mulher, representada pela *Barbie*. O empoderamento aparece através de frases como: "Hoje eu tô tão gostosa que eu até me pegava / A bunda balança, rebola e não para" e "Avisa lá que hoje eu volto só amanhã para casa / Ela não é mais princesa e tá cheia de opção". Vale observar a ruptura da imagem de princesa da *Barbie*. Para completar a desconstrução, a letra e o clipe ainda trazem a figura da *Barbie black* (preta) representada pela rapper transexual alagoana Danny Bond, como uma crítica à imagem mítica da Barbie, classicamente representada pela figura de uma mulher loira, de olhos azuis, cabelo liso, de seios fartos, cintura fina e magríssima.

Barbie - Rebecca, Lexa, Pocah e Danny Bond¹²
 A Barbie tá diferente, cheia de esquema
 E maldade na mente, só quer problema
 Tá jogando na cara, quebra de lado
 Anda com as amiguinhas cheia de fogo no rabo
 É tanto poder que a inveja trava
 Hoje eu tô tão gostosa que eu até me pegava
 A bunda balança, rebola e não para
 Avisa lá que hoje eu volto só amanhã para casa

¹² Assista ao clipe de "Barbie", no YouTube: <https://www.youtube.com/watch?v=aPzbgoqwGyo>

Ela não é mais princesa e tá cheia de opção
 A Barbie tá diferente, ela só quer catucadão
 Vai, vai, só catucadão, soca só catucadão
 Só catucadão, catuca, vai, soca só catucadão!
 A Barbie desce, desce, desce, desce, desce, de-desce
 A Barbie sobe, sobe, sobe, sobe, sobe, so-sobe
 A Barbie desce, desce, desce, desce, desce, de-desce
 A Barbie sobe, sobe, sobe, sobe, sobe, so-sobe
I'am fucking black Barbie que chegou pra te ensinar
 Empurra essa pilha pra boneca funcionar
 O meu nome tu conhece e nem precisa eu falar
 Não é Minaj é a Bond tá cansada de escutar
 A-au-au com essa Barbie você passa mal
 A-au-au eu sei que tu curte, isso é normal
 Pega a Lexa, beija a Pocah, morde a Rebecca
 Mas não esquece que a Bond tem o segredo da boneca
 Vamo brincar, eu gosto tanto de brincar
 É tanto poder que a inveja trava
 Hoje eu tô tão gostosa que eu até me pegava
 A bunda balança, rebola e não para
 Avisa lá que hoje eu volto só amanhã para casa
 Ela não é mais princesa e tá cheia de opção (não é, não)
 A Barbie tá diferente, ela só quer catucadão (vai)
 (Eu quero, vai) só catucadão, soca só catucadão (vai, vai)
 Só catucadão, soca só catucadão!
 A Barbie desce, desce, desce, desce, desce, de-desce
 A Barbie sobe, sobe, sobe, sobe, sobe, so-sobe
 Gira, gira a manivela pra boneca funcionar
 Não esquece que é brincando que gosto de atacar
 Ah, te amo!

FAIXA 2. FUNK PERIFÉRICO X FUNK TELEVISIONADO

Ainda em 2022, toda a cadeia evolutiva da indústria e a diferença de discursos em letras de hits feministas compostos por mulheres e em sucessos assinados por homens estão presentes. É raro também encontrar a presença feminina nos bastidores, em papéis executivos e, ainda mais difícil, vê-las em funções técnicas, como produção, mixagem e operação de áudio.

Por outro lado, é bastante recorrente a história de mulheres que se descolaram do funk, catapultadas para o mundo pop, onde costumam ser mais bem aceitas, já que o pop é um gênero musical mais abrangente e abstrato em termos de recorte histórico, referências e musicalidade. No pop, tudo é possível musicalmente e imagetivamente, ao passo que no funk, a história da periferia e do protagonismo masculino naquele modelo de sociedade é dominante em todas as camadas. A comunicação, neste caso, é sempre performática, já que fortalece as relações de poder masculinas dentro do funk, construídas por comunicações nem sempre

verbais, que excluem a mulher do meio onde ela almejou estar. Kelly Key, Anitta, Ludmilla, Lexa, Perlla e tantas outras artistas ícones de décadas diferentes enfrentam ou enfrentaram os mesmos obstáculos neste sentido. Ou seja, começaram no funk e tiveram maior destaque na indústria musical ao migrar para o pop.

O funk pop é um dos raros lugares do funk em que as mulheres lideram. Usando novamente o *Spotify* como métrica, já que se trata do player líder no mundo, existe na plataforma uma *playlist* oficial, chamada de Funk Pop. Em março de 2022, contabilizei 50 faixas com cantoras mulheres, dentre as 70 totais contidas na *playlist*.

Algumas artistas até voltaram para o funk depois de explodirem no pop ou vão e voltam do funk. Anitta é um grande exemplo. Nascida Larissa de Macedo Machado, cria da Furacão 2000, Anitta hoje está focada na carreira internacional, lançando faixas com batida pop, *reggaeton* e até bossa nova, porém de tempos em tempos, ela revisita o funk, como é o caso do lançamento de "Vai Malandra" (2017) e "No chão novinha" (2021), esta última, um *feat* com Pedro Sampaio. Ambas nasceram entre projetos em inglês e em espanhol da cantora.

A paulista MC Dricka, que acumula mais de 200 milhões de plays no *Spotify* confirma o viés performativo do funk, ao destacar a distinção entre o funk feito na favela e o funk que está no *mainstream*, apelidando-os de funk periférico e funk televisionado, respectivamente. É o funk periférico que ela chama de "funk-funk-mesmo", ou seja, aquele funk que retrata com fidelidade o que acontece nas periferias, sem censura, sem moderação de palavras para ser mais atrativo para outras classes sociais e para a mídia.

Claro que se eu cantar pop, eu vou ter mais fãs, vou aparecer mais na TV, e nas rádios. E as pessoas de classe média e alta vão começar a ver 'nós'. Por enquanto, eu sou de movimento periférico, ou seja, somos mais realistas ao falar sobre relações sexuais, como o governo trata nossa sociedade. O funk pop é mais de festa. Nós aqui do 'funk-funk-mesmo', a gente fala de ousadia, do que acontece com 'nós' nas periferias ou do que acontece com 'nós' quando a gente vai frequentar um lugar mais alto que a gente. Acho que compensa cantar o pop sendo fiel ao lugar de onde você veio para levar a periferia junto. Quero levar o que a periferia quer falar. (informação verbal)¹³

A exemplo do que ocorre em tantas outras instâncias do capitalismo, trata-se da conversão de corpos femininos em moeda, sem qualquer interesse legítimo em valorizar a sua participação. Há, portanto, várias relações imaginárias que remontam aos tempos da plantação

¹³ Entrevista concedida presencialmente por SANTOS, Fernanda, cujo nome artístico é MC Dricka, a Michele Miranda, em abril de 2021.

quando o corpo escravo era um corpo moeda, um corpo mercadoria e muitas vezes sexualizado, como propõe Achille Mbembe (2018). Essas relações imaginárias atravessam e são comunicadas das favelas às redes burguesas de consumo, convertendo violência em exotismo e, finalmente, relegando às mulheres a instância mais vulnerável da cadeia produtiva. Assim, mesmo quando supostamente assumem o protagonismo em cena, elas se constituem como corpos de extração, ou seja, corpos expostos à vontade do outro, em estado de extrema precariedade. mesmo quando parecem um dos epicentros da indústria musical, similar à época colonial, que tinha a expropriação do corpo, o corpo que era escravizado, um corpo moeda, objeto.

A necropolítica, de acordo com Mbembe (2018, p. 125g), “é a política da morte adaptada pelo Estado. Ela não é um episódio, não é um fenômeno que foge a uma regra, ela é a regra”. A desvalorização do corpo feminino a uma vida que não vale nada, está presente em todas as camadas do funk: dos bastidores ao ouvinte. Isso pode ser observado nos principais hits do funk atual, nos quais a mulher se encontra em uma posição de subordinação. As letras constituem uma relação de subserviência feminina, mesmo quando as artistas demonstram consciência política e desejo de resistir.

É o que reitera Mc Baronnesa: “Faço shows e não tenho repertório de mulher *pra* cantar. Tenho que cantar música de homem e trocar uma palavra por outra pra não parecer que estou apoiando o machismo. O funk é voz, mas é uma barreira para algumas discussões”¹⁴.

O modo como o público reconhece essas funkeiras é um sintoma de um certo entendimento político das mulheres como coadjuvantes. Mas como essas mulheres gostariam de ser reconhecidas? Butler lança um diagnóstico a partir da observação de muitas outras situações em que o feminino é visto como subalterna:

Quando corpos se unem como o fazem para expressar sua indignação e para representar sua existência plural no espaço público, eles também estão fazendo exigências mais abrangentes: estão reivindicando reconhecimento e valorização, estão exercitando o direito de aparecer, de exercer a liberdade e estão reivindicando uma vida que possa ser vivida (BUTLER, 2018, p. 37).

A despeito da popularidade e do sucesso, o protagonismo feminino do “sujeito-indivíduo” não passa de uma ficção que alimenta tacitamente problemas de gênero que, por sua vez, fortalece embates políticos comunicados a partir de sucessivos processos de extrativismo de subjetividade relativos em uma instância mais geral à favela. Essas questões

¹⁴ Entrevista concedida presencialmente por MORAES, Jheslen, cujo nome artístico é MC Baronnesa, a Michele Miranda, em março de 2021.

estão também ligadas aos problemas da negritude e a racialização dos sujeitos e, finalmente, à submissão das mulheres em um mercado soberanamente masculino, já que o corpo é um organismo que está encapsulado na pele.

Existe um sistema de narrativas e discursos que parecem se constituir em diferentes etapas: o sujeito racial habitante da favela, a chamada razão negra discutida por Achille Mbembe (2018) que inventa, conta, repete e promove uma variação de fórmulas, textos e rituais que fazem surgir o negro como exterioridade selvagem; e, finalmente, as ações performativas que “dessubjetivam” as mulheres, transformando-as em corpos-moedas, corpos-sexualizados, corpos-mercadorias como resultado de ações de caráter necropolítico.

Há, portanto, múltiplas camadas de subserviência que, em um aspecto mais amplo, acometem toda população do entorno do funk, sejam homens ou mulheres, e que se referem ao racismo estrutural discutido por Silvio Almeida (2019), também inspirado por Mbembe (2018). Conjuntamente, há questões sociais e econômicas. Assim, o problema de gênero está imbricado nesta trama, o que complexifica o modo como as relações de poder se organizam, sendo que as mulheres se constituem como a camada mais profunda e opaca dessa situação.

FAIXA 3. EMBRANQUECIMENTO NO POP

O racismo aparece, portanto, como uma barreira no mercado musical em geral, tanto para homens, quanto para as mulheres. Os empresários do funk e artistas relatam, nos bastidores, que é muito mais difícil estourar um artista negro no *mainstream* do que um branco, mesmo quando as comunidades, de onde saem a maioria dos artistas, são predominantemente negras. Segundo uma pesquisa feita, em novembro de 2021, pelo Instituto Locomotiva, em parceria com o Data Favela e a Central Única das Favelas, a população negra representa 67% do total de moradores das favelas¹⁵.

Essa estimativa exposta por eles pode ser comprovada ao se observar as paradas de sucesso do funk, onde de fato predominam numericamente os artistas brancos. Podem-se observar, portanto, o acúmulo de camadas que uma mulher negra precisa enfrentar para estourar no funk. Quando produtores e eventos focam nas mulheres negras, isto pode não

¹⁵ Pesquisa publicada no site da CNN

<https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/cerca-de-8-da-populacao-brasileira-mora-em-favelas-diz-instituto-locomotiva/>

significar necessariamente um empoderamento, mas novos modos de lidar com os mesmos dispositivos de poder, como explica Jota Mombaça (2020):

Recentemente, após a Festa Literária Internacional de Paraty (Flip) de 2019, uma manchete se repetiu diversas vezes pelas redes sociais brasileiras: “Dos cinco autores mais vendidos, quatro são negros e um é indígena”. O sentido atribuído a essa narrativa era um atado às Políticas da Representatividade, no qual esse fato aparecia como um sinal de “empoderamento” coletivo das gentes negras e indígenas no marco dos sistemas contemporâneos de produção de conhecimento. Para mim, tal manchete não deixou de evocar, a cada aparição, o fantasma do valor como dispositivo profundamente implicado no arsenal da Racialidade. A conjunção de “mais vendidos” com “dos cinco, quatro são negros e um é indígena” funciona, portanto, como uma das curvas espaço-temporais na qual Dana se vê enredada: sinto o mundo girar à minha volta e sou tomada por uma tontura, a paisagem que me cerca vai perdendo forma e me vejo lançada numa espiral... O corpo negro é uma máquina do tempo. Sempre que somos as mais vendidas, retornamos à mesma situação-problema. Em outra posição (MOMBAÇA, 2020, p.7).

Por que é mais difícil estourar um artista negro do que um branco mesmo no funk? Por que os brancos não querem ouvir o que o negro tem a dizer? Grada Kilomba (2019) analisa o colonialismo e nossas heranças para questionar:

(...) O que poderia o sujeito negro dizer se ela ou ele não tivesse sua boca tapada? E o que o sujeito branco teria de ouvir? Existe um medo apreensivo de que, se o sujeito colonial falar, a/o colonizadora/or terá de ouvir. Seria forçada/o a entrar em uma confrontação desconfortável com as verdades da/o "Outra/o". (KILOMBA, 2019, p. 41)

Nessa camada, ainda existe a figura da mulata, muito mencionada por Lélia Gonzalez (2020). No podcast "Lélia Gonzalez: Campo - um podcast de antropologia", as pesquisadoras Paula Lacerda e Carol Parreiras expõem uma análise de Lélia sobre essa nomenclatura.

Em um de seus textos, a autora descreve uma reportagem do Jornal O Globo de 1986 que acompanha a preparação de uma "mulata profissional", no camarim, no palco. Esse trecho é efetivamente chocante e a autora nem comenta, só descreve, ou melhor, transcreve. Mas ela parte de algumas concepções que estão ali para apontar a posição da mulher negra, mais do que do homem negro, como objeto. A mulata é um ponto tenso, quase que uma posição sem muita possibilidade de resistência dentro da cultura brasileira. Ela estaria presa às amarras de uma neurose coletiva, de um racismo à brasileira, que valoriza no específico e oprime na estrutura (GONZALEZ, 2020, p. online).

Grada Kilomba (2019) também dedica parte de seu trabalho para expor uma camada mais profunda do racismo, onde estaria o mulato ou mestiço.

Estes termos de nomenclatura animal foram altamente romantizados durante o período de colonização. (...) Esta romantização é uma forma comum da narrativa colonial, que transforma as relações de poder e abuso sexual, muitas vezes praticadas contra a mulher negra, em gloriosas conquistas sexuais, que resultam num novo corpo exótico e ainda mais desejável. Além disso, esses termos criam uma hierarquização dentro da negritude, que serve à construção da branquitude como a condição humana ideal. Os termos mais comuns são: m. (mestiça/o), palavra que tem sua origem na reprodução canina, para definir duas raças diferentes, que dá origem a uma cadela ou cão rafeira/o, isto é, um animal considerado impuro e inferior; m. (mulata/o), palavra originalmente usada para definir o cruzamento entre um cavalo e uma mula, isto é, entre duas espécies animais diferentes, que dá origem a um terceiro animal, considerado impuro e inferior. (KILOMBA, 2019, p. 19).

A empresária e sócia da *Los Pantchos*, uma das maiores produtoras de funk de São Paulo, Rita de Cássia, tem no *casting*, artistas brancos e negros, mas afirma perceber uma maior abertura e facilidade de sucesso para os artistas brancos. Ela ainda confirma o acúmulo de desafios em se trabalhar uma mulher negra no funk.

Lamentavelmente, a gente vive numa sociedade racista e patriarcal, com reflexos de colônia. Tem artistas que se branqueiam para poder pertencer a um movimento. A Anitta quando ela quer ser popular ela aparece mais morena, numa laje, com tranças e quando ela quer ser global ela entra numa versão mais branca, seja na sonoridade ou na aparência. Ser mulher no funk é difícil, ser mulher e negra é ainda mais difícil". (INFORMAÇÃO VERBAL)¹⁶

Em seu livro *Música pop-periférica brasileira: videoclipes, performances e tretas na cultura digital*, Simone Pereira de Sá (2021), professora de Estudos de Mídia e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense (RJ), analisa as polêmicas, que ela chama de tretas, em torno do clipe "Vai Malandra", lançado por Anitta em 2017, com participação de MC Zaac, Tropkillaz e Maejor e DJ Yuri Martins. Ela acompanhou cada post de promoção do vídeo e sua repercussão na imprensa e pelos fãs. Segundo Simone de Sá (2021), a primeira polêmica aconteceu em agosto de 2017, quando Anitta postou em seu Instagram a primeira imagem que seria a divulgação do clipe, na qual apareceu "de biquíni, bronzeada, com tranças afro e tendo ao fundo uma favela".

A primeira delas (treta) foi provocada pelo visual da cantora, gerando acusações por parte do movimento negro de que a cantora estaria praticando uma apropriação indevida da cultura africana, caracterizada como afro conveniência, reforçando suas raízes paternas negras (ela é filha de pai negro) por meio das tranças somente nos momentos oportunos, sem efetivamente assumir o discurso do combate ao racismo. (SÁ, 2021, p. 128).

¹⁶Entrevista concedida presencialmente por Rita de Cássia, a Michele Miranda, em novembro de 2021.

Figura 3. Anitta em "Vai Malandra", funk voltado para o público brasileiro



Fonte: Anitta em "Vai Malandra", funk voltado para o público brasileiro.

Figura 4. Anitta em "Envolver"



Fonte: Anitta em "Envolver", faixa em espanhol, com foco no público internacional. YOUTUBE (2022).

As camadas de dificuldade que as mulheres pretas enfrentam na indústria do funk aparecem na obra Lélia Gonzalez, enquanto a autora analisa o que chama de "duplo fenômeno do racismo e do sexismo". Em seu livro, *Por um feminismo afro-latino-americano*, ela expôs que:

O lugar em que nos situamos determinará nossa interpretação sobre o duplo fenômeno do racismo e do sexismo. Para nós o racismo se constitui como a sintomática que caracteriza a neurose cultural brasileira. Veremos que sua articulação com o sexismo produz efeitos violentos sobre a mulher negra em particular. (...) Trata-se das noções de mulata, doméstica e mãe preta. (...) Na medida em que nós negros estamos na lata de lixo da sociedade brasileira, pois assim determina a lógica da dominação, caberia uma indagação via psicanálise (GONZALEZ, 2020, p.76).

Quanto mais a pesquisa mergulha nesses meandros, nem sempre visíveis, mais se torna evidente que a violência não tem fim e espelha muitos dispositivos de poder que se referem a problemas relativos a questões de gênero, raciais, sociais, econômicas, cognitivas e são, quase sempre, estruturais.

FAIXA 4. UM CORPO FERIDO, MASSACRADO

A soberania é a definição da implantação ou manifestação de poder. "Que lugar é dado à vida, à morte e ao corpo humano (em especial o corpo ferido ou massacrado)? Como eles estão inscritos na ordem do poder?" (MBEMBE, 2018, p.39). O homem é, desde o nascimento do funk brasileiro nos anos 1980, o soberano no movimento. Isso fica claro para as funkeiras, que apontam que a chegada de mulheres nas estruturas de maior hierarquia poderia amenizar a discrepância que existe nas oportunidades para homens e mulheres dentro do ritmo.

Naquela época, a gente lutava muito mais do que hoje. Hoje a mulher do funk falar o que ela fala é de boa, tá tranquilo. Mas naquela época a gente falar: "Valeu, muito obrigada, mas agora eu virei puta", a gente era massacrada. As pessoas chamavam a gente de vulgar, que a gente era indecente, olha pra onde a gente tava levando o funk. (VALESCA POPOZUDA)¹⁷

A letra sobre a qual Valesca se refere é "Agora virei puta", lançada no fim dos anos 2000 por ela quando fazia parte da Gaiola das Popozudas, antes de sair em carreira solo. A letra, que é considerada um hino de libertação para os fãs de Valesca, aborda uma relação de violência extrema sofrida pela mulher que narra que o homem "só dava porrada" e uma relação de extrema submissão ao ver o homem partir para a farra, enquanto ela fica sozinha, lavando e passando as roupas. Eis que vem a redenção e a mulher vira uma heroína no momento em que vira puta, que, neste sentido, tem uma ironia e significa liberdade, mais ampla até do que somente a libertação sexual que está normalmente explícita em "virar puta".

Agora Virei Puta - Gaiola das Popozudas¹⁸ (meados dos anos 2000)

Só me dava porrada
E partia pra farra
Eu ficava sozinha
Esperando por você
Eu gritava e chorava
Que nem uma maluca
Valeu, muito obrigado
Mas agora virei puta!

¹⁷ Entrevista de Valesca Popozuda ao documentário "Meu patrimônio é a minha história", de Verônica Costa, em 2020.

¹⁸ Ouça aqui "Agora virei puta", da Gaiola das Popozudas, no YouTube <https://www.youtube.com/watch?v=RBZv10lqid8>

Valeu, muito obrigado
 Mas agora virei puta!
 Valeu, muito obrigado
 Meu gado, meu gado

Se-se-se-se-se-se-se-se uma tapinha não dói
 Eu-eu-eu-eu-eu-eu-eu-eu falo pra você
 Segura este chifre que quero ver tu se foder!
 Segura este chifre que quero ver tu se foder!
 Segura este chifre que quero ver tu se foder!
 Segura este chifre-chifre-chifre

Eu lavava e passava
 Eu lavava e passava
 Tu não dava valor
 Tu não dava valor
 Agora que eu sou puta
 Você quer falar de amor?
 Agora que eu sou puta
 Você quer falar de amor?
 (Ago-agora que eu sou
 PUTA-PUTA-PUTA)

Em *Leituras de Judith Butler*, Christine Greiner (2019), afirma que "para Butler, aquilo que move politicamente alguém é sempre o momento em que o sujeito ou o coletivo asseguram o direito à vida. É justamente quando não há nenhuma autorização prévia existente e nenhuma convenção parece viável. Assim como para Michel Foucault, uma de suas referências mais importantes, isto vale para a normatização das sexualidades, dos sujeitos e para todas as relações de poder, sejam elas explícitas ou camufladas" (GREINER, 2019, p. 8).

MC Dricka estourou com o hit de 70 milhões de visualizações no YouTube "Empurra empurra". Na faixa de quatro minutos, existem apenas cinco frases, sendo o resto do tempo repetição. Na letra, Dricka repete um pedido para o interlocutor da canção, o DJ Will DF, "empurra empurra que eu sou puta".

Empurra empurra, de Mc Dricka e DJ Will DF (2019)¹⁹

Quanto mais eu vou gemendo
 O Will me fode mais
 Quanto mais eu vou gemendo
 O Will me fode mais

Empurra empurra, empurra, empurra que eu sou puta
 Empurra empurra, empurra, empurra que eu sou puta
 Empurra empurra, empurra, empurra que eu sou puta
 Empurra empurra, empurra, empurra que eu sou puta

O Will que tá tocando com o beat nas entrega

¹⁹ Ouça aqui "Empurra empurra" no YouTube <https://www.youtube.com/watch?v=HarECn4BqzE>

Esfrega esfrega, esfrega, vai passando em mim a peça
Esfrega esfrega, esfrega, vai passando em mim a peça
Esfrega esfrega, esfrega, vai passando em mim a peça
Esfrega esfrega, esfrega, vai passando em mim a peça

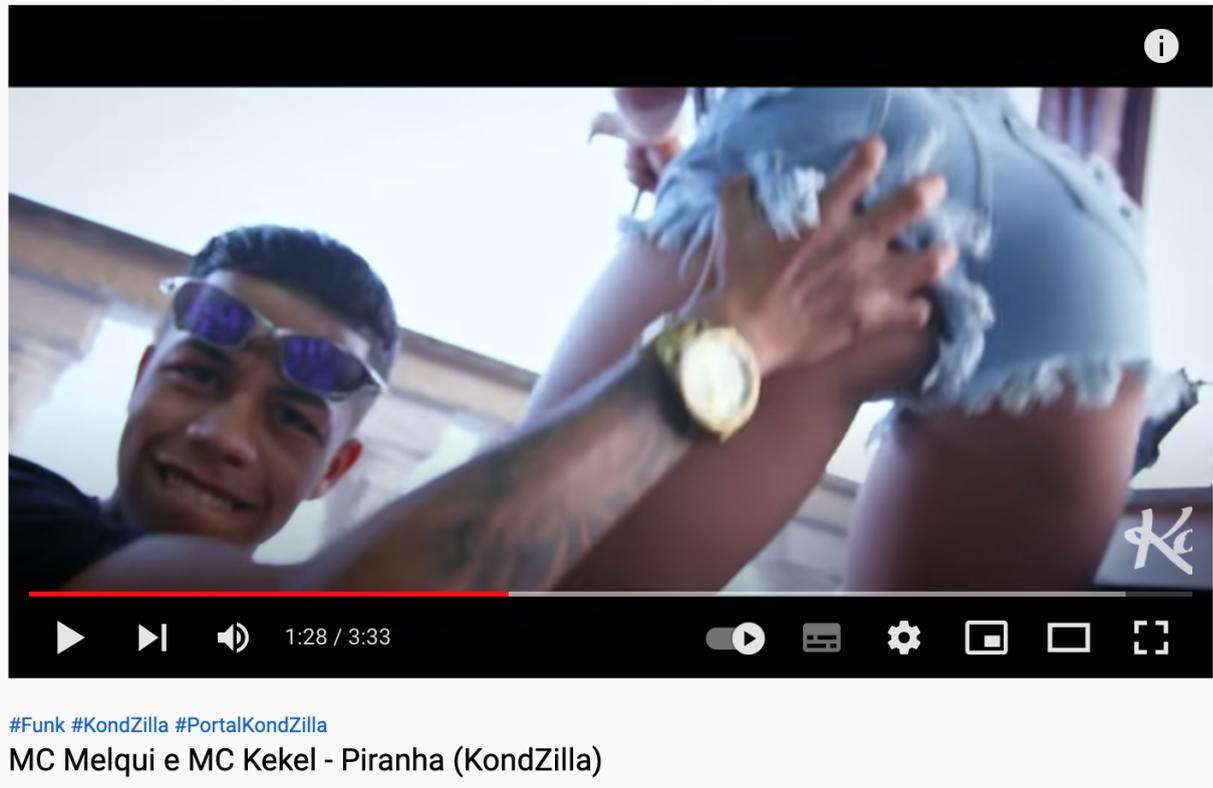
Quando indaguei qual o significado de ser puta nas letras de funk, Dricka respondeu que "somente uma mulher pode se chamar de puta, que neste sentido se trata de empoderamento ou gíria. Mas quando um homem chama uma mulher de puta, em geral, eles o fazem no sentido pejorativo, para ofender".

É justamente isso que aparece no clipe de "Piranha"²⁰, de Mc Melqui e Mc Kekel, lançado em 2016, que conta com quase dez milhões de plays no YouTube. E o clipe mostra uma dezena de mulheres com pouca roupa e cenas de leite sendo jogado no corpo delas, como uma alusão ao sêmen masculino. Essas mulheres que aparecem no clipe são chamadas de piranhas, que é justamente a crítica que Mc Dricka faz aos homens que chamam as mulheres de piranha no sentido pejorativo. A letra diz:

Tem piranha na cama
Tem piranha na sala
E a vizinha no varal
Vendo eu dar umas pimbada

²⁰ Assista aqui ao clipe de "Piranha", de Mc Melqui e Mc Kekel
<https://www.youtube.com/watch?v=st9EJixEmdQ>

Figura 5. MC Melqui e MC Kekel



Fonte: *KondZilla* (2022).

O que falta para as mulheres chegarem ao lugar que elas querem no funk? A pergunta que permeia essa dissertação foi repetida para todas as entrevistadas, que em comum sinalizaram a necessidade da chegada de uma mulher ao topo da cadeia da indústria do funk e que ela permaneça lá, sem migrar para o pop ou outro gênero.

Mc Dricka respondeu:

Ter uma mulher foda no topo. Até tem, peço forças pra ter mais. Tem, mas as meninas às vezes não têm voz. A meta é ter mais. E eu quero mais mina. Porque os homens querem que a gente seja minoria. Hoje em dia até tô vendo mais toque feminino no funk, até porque homem fazendo tudo não dá.

Mc Baronessa alegou que:

A luta começou agora. A gente pode ter MCs mulheres, mas não tem produtora, não tem fotógrafa, você anda pelos corredores e só encontra macho. Quando você vai no rolê, 60% é mulher e os machos só vão porque tem mulher. E quando você vai na fábrica, atrás das cortinas, tem poucas mulheres.

Winnie explicou:

Eu gostaria de ver mais é produção musical. Eu desconheço mulheres que trabalhem com produção musical. Vamos lá, produtoras musicais, cadê vocês? E não ter medo de escrever as nossas letras, porque um cara escrevendo pra gente não é a mesma coisa. Sempre vem um cara falando que tem uma letra pra mim. Quando peço pra ver, eu digo logo 'isso eu não canto', e trato de mudar.

A opressão, nesse caso, não se dá somente na composição hierárquica da indústria, como também em conteúdo e comportamento. Ou seja, seria a "perda de direitos sobre seu corpo", como Mbembe sinaliza quando expõe as fases da plantação, em *Necropolítica*:

Tratado como se não existisse, exceto como mera ferramenta e instrumento de produção, o escravo, apesar disso, é capaz de extrair de quase qualquer objeto, linguagem ou gesto uma representação, e estilizá-la. (...) o escravo é capaz de demonstrar as capacidades polimorfos das relações humanas por meio da música e do próprio corpo, que supostamente pertenciam a um outro (MBEMBE, 2018, p. 30).

Todo dia (sou vítima de machismo). Graças a Deus eu cheguei agora e isso mudou um pouco. Mas, antigamente, a mulher funkeira pra ser MC tinha que expor seu corpo, né? Tinha que dançar um pouco mais vulgar, tinha que falar que é o homem que paga. Sou uma pessoa fechada, não preciso expor meu corpo pra mostrar o que passa na visão das mulheres. Sou uma pessoa totalmente fora dos padrões. E por isso eu sou vítima do machismo". (INFORMAÇÃO VERBAL)²¹

O predomínio masculino no funk também foi responsável por moldar um ideal de corpo feminino que exclui aquelas que são "fora do padrão", seja fisicamente ou em relação a gêneros. É muito comum mulheres perderem oportunidades no funk por estarem acima do peso, por exemplo, ou representantes da comunidade LGBTQIA+ não conseguirem espaço por não pertencerem à heteronormatividade em seus corpos. É o que comenta MC Carol de Niterói:

Dei uma pesquisada se tinha alguma mulher gorda no funk e a única que tinha era a Tati Quebra Barraco, mas ela já tinha feito cirurgias. E eu falei: mano, eu vou sofrer. Mas falei: eu vou e não to nem aí. Não acreditei quando recebi o convite pro São Paulo Fashion Week. Achei que fosse desmaiar. Mas falei: desmaia depois que desfilas. A gente tem que ocupar. Tem que ter mulher preta, branca, gorda, baixa, alta em todo lugar.²²

No caso do funk, isso pode ser observado em diversas letras das composições musicais, como na faixa "*Surubinha de Leve*", do MC Diguinho, em 2018, que entrou nas paradas das mais tocadas do *Spotify* e passou a ser muito criticada por seu conteúdo explícito, que fazia referência ao estupro. Uma série de comentários nas redes sociais pediram que o

²¹Entrevista concedida por SANTOS, Fernanda, cujo nome artístico é MC Dricka, a Michele Miranda.

²²Entrevista da MC Carol de Niterói para o documentário "Sou MC Carol, 100% Feminista".

Spotify e a distribuidora OneRPM retirassem a música do ar e que o artista se retratasse por incitar o estupro, como diz na música:

Pode vim sem dinheiro.
 Mais traz uma piranha.
 Surubinha de leve com essas filha da puta.
 Taca bebida.
 Depois taca a pika.
 E abandona na rua (Surubinha de Leve, de MC DIGUINHO, 2018).

A distribuidora retirou a música do ar, após chegar à posição 27^a. entre as mais tocadas no Brasil e acumular mais de 14 milhões de visualizações no YouTube.

O modo como um discurso é construído e comunicado passa a representar o tempo todo as relações de poder e hierarquias. No caso deste projeto, há, portanto, uma cadeia de realizações de mensagens que constituem uma constelação complexa: ao se tornar, aparentemente protagonista de suas próprias carreiras no funk e integrar o mercado, as artistas cantam as músicas de outros compositores, por sua vez, recheadas de mensagens abusivas em relação às mulheres, e mesmo criando adaptações nas letras para não se tornarem cúmplices das narrativas, acabam realizando a mensagem, afirmando a lógica de objetificação que podem tornar o protagonismo das mulheres no funk uma mera ilusão.

Denise Ferreira da Silva (2019), indaga:

O que uma poética¹ feminista negra pode proporcionar? O que tem a oferecer à tarefa de *des-pensar*² [*unthinking*] o mundo, de libertá-lo das garras das formas abstratas da representação moderna e da violenta arquitetura jurídica e econômica que elas sustentam? Se for uma prática de imaginar e pensar o mundo (com o mundo / para o mundo e no mundo) sem os parâmetros de separabilidade, determinabilidade e sequencialidade, essa poética tomará a reflexão como um tipo de escrutínio ou como um jogo da imaginação sem as limitações do entendimento. E, se a tarefa for *des-pensar* este mundo com vista a seu fim – isto é, sua decolonização, ou o retorno do valor total expropriado de terras conquistadas e corpos escravizados –, ela não almejará prover respostas, mas, em vez disso, implicará levantar questões que simultaneamente expõem e subvertem as formas kantianas do sujeito, isto é, as posições implícitas e explícitas de enunciação – e em particular, *os loci* de decisão, ou julgamento, ou determinação – que tal sujeito ocupa (FERREIRA DA SILVA, 2019 p.46).

É possível perceber nas letras escritas por homens, o modo como se organiza um discurso de maneira autoritária para estabelecer uma relação de poder, já que se amparam em uma certa noção de sujeito dado a priori e norteado por relações de poder.

Que merda é aquela? "Só surubinha de leve...". O cara não tem consciência que ele influencia os caras a agir igual a ele? Já acha que a gente é qualquer coisa, né? Aí o cara vai achar que é bonito te pegar em casa em segurança, te leva pra beber, te come depois de bêbada e te larga na rua. Se você é homem pra buscar a menina em casa, seja homem pra trazer de volta em segurança. Você não é homem suficiente pra ter relações sexuais sem a menina estar louca de bebida? (informação verbal)²³

O questionamento indignado de Mc Baronnesa se reflete em sua maneira de trabalhar. Ela conta que começou sua carreira no funk adaptando músicas que ela considerava machistas à realidade feminina ou criando respostas para os funkeiros. A cantora ainda afirma que quando vai fazer seus shows tem muita dificuldade para encontrar repertório que não seja ofensivo. É uma prática muito comum no funk que os shows de cada artista sejam curtos, para que vários se apresentem durante o baile e para que o mesmo artista possa fazer shows em outras casas na mesma noite.

Sobre isso, Dani Russo, outra artista da nova geração, mas que já é uma das maiores do funk paulista com mais de 11 milhões de inscritos em seu canal no YouTube, concorda sobre o machismo nas letras escritas por homens, embora ela seja assumidamente fã dos "pesadões". Em uma entrevista para o UOL, o repórter Leonardo Rodrigues afirma que a funkeira se "recusa a usar a 'faixa' do feminismo na cabeça, embora se enxergue como um símbolo de representatividade".

Funk ainda tem muito homem, muita coisa machista. Às vezes vejo uma letra e penso: 'Meu Deus do céu! Imagina se fosse uma mulher cantando? Mas fazer o quê? A gente aceita e curte a música, que é a principal razão do funk.'²⁴

Em 2001, a Folha de São Paulo publicou uma reportagem (sem assinatura com nome do repórter, portanto não é possível saber se foi escrita por um homem ou uma mulher) com o título "É tudo uma grande brincadeira". Essa talvez tenha sido uma das primeiras a debater o machismo nos bailes e nas letras dos funks. Verônica Costa e Vanessinha Pikachu foram questionadas sobre as roupas usadas pelas mulheres nos bailes e sobre a objetificação feminina, ao que Vanessinha respondeu: "A mulher pode ser tratada como objeto sexual em qualquer ambiente, tanto nos bailes funk como em outro lugar, isso depende da sua postura, do seu comportamento" (FOLHA DE SP, 2001, p. online).

A reportagem ainda aborda um conflito relatado 20 anos depois nesta pesquisa por

²³Entrevista concedida presencialmente por MORAES, Jheslen, cujo nome artístico é MC Baronnesa, a Michele Miranda, em março de 2021.

²⁴Dani Russo em entrevista para o site UOL

<https://entretenimento.uol.com.br/reportagens-especiais/dani-russo-uma-estrela-do-funk-que-quer-conquistar-o-mundo/#page14>

Baronessa sobre escrever respostas a algumas letras masculinas que possam ser ofensivas. Aqui um trecho:

Na opinião de Vanessa, as letras das músicas são as respostas das mulheres às composições masculinas. 'Escrevemos e cantamos o que gostaríamos de dizer para eles', explica, referindo-se aos raps que compõe e aos da MC (mestre de cerimônias) Beth, autora da polêmica 'Um Tapinha Não Dói'. Vanessa diz não se importar de ser chamada de 'popozuda' e 'preparada'. 'Nós vemos os meninos da mesma forma e até usamos os mesmos apelidos para eles nas músicas. Não acho que isso seja machismo. Toda mulher gosta de ser chamada de gatinha, de linda, e é isso o que eles fazem.'²⁵

Há 20 anos, fica implícita nesta reportagem que a percepção sobre machismo ainda não estava clara para as poucas mulheres que já habitavam os bailes funk, agora não mais apenas como dançarinas na plateia, mas também como MCs e apresentadoras. O funk, neste contexto, é um reflexo da sociedade daquela época, que não discutia machismo com a profundidade que se está começando a ter hoje. Embora representasse uma vanguarda na expressão corporal e sexual, ainda não existia a maturidade necessária para esta percepção.

A polêmica música citada pela reportagem da "Folha de São Paulo" é "Um tapinha não dói", uma parceria entre MC Beth e MC Naldinho. Lançada em 2001, ela foi um megahit, com presença não somente em bailes e festa, mas também nas TVs e nas rádios. MC Naldinho, compositor e cantor da música, conta que a letra foi inspirada em sua filha; depois de lhe dar um "tapinha", ela teria respondido para ele "pai, só um tapinha não dói". Um ano depois do lançamento, a Furacão 2000 foi processada pela ONG Themis, um coletivo de advogadas feministas do Rio Grande do Sul, por "banalizar a violência contra a mulher". A condenação chegou a R\$ 500 mil, mas no recurso, o juiz considerou que "como a mulher da música pede para apanhar, não seria atentatória".

Vamos à letra, que na parte masculina, ele descreve:

Vai glamurosa
Cruza os braços no ombrinho
Lança eles pra frente e desce bem devagarinho
Dá, dá, dá uma quebradinha e sobe devagar
Se te bota maluquinha
Um tapinha eu vou te dar porque
(...)
Vou visando tua bundinha
Maluquinho pra apertar

O porquê não é respondido pelo homem na letra, mas pela mulher, que repete:

²⁵ Reportagem da Folha de São Paulo intitulada "É tudo uma grande brincadeira", de 2001. <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff0903200129.htm>

Dói, um tapinha não dói
 Um tapinha não dói
 Um tapinha não dói
 Um tapinha não dói, só um tapinha

Outro fato muito comum é que os artistas cantem as músicas de outros artistas nos seus shows, por isso Baronnesa relata essa dificuldade de incluir música de outros artistas em seu repertório.

É o baile da DZ7, mas nós come as de 15
 Soca nessa vagabunda
 E se ela cansar de sentar com a buceta
 Manda essa puta vir sentar com a bunda” (Desbloqueia a tela, de MC Denny).

Na letra do funk supracitado de MC Denny, *Desbloqueia a tela*, a vontade da mulher não é levada em consideração. Aliás, nem a vontade da mulher e nem as leis brasileiras, ao ser mencionada a possibilidade de haver um ato sexual com “as de 15”, em referência às meninas de 15 anos de idade. É neste sentido que se faz necessário pensar a comunicação dos discursos e imagens e, não apenas o aspecto sociológico ou antropológico do fenômeno funk. Por isso, é fundamental entender como age o capitalismo comunicacional no modo como opera a indústria musical ao criar sua forma de protagonismo através dos gêneros.

A noção de protagonismo feminino ao qual este projeto se refere, é constituída na relação com: público, mercado e contextos culturais. Por isso, é insuficiente mudar as letras das músicas ou aumentar cachês das artistas, pois o problema está na comunicação tácita que envolve problemas de gênero, relações de poder e imagens estereotipadas de corpos femininos em cena (e fora da cena).

É o que a história de MC Katia, conhecida como a fiel do funk, por se autointitular a defensora das mulheres casadas e comprometidas, como diz em sua biografia no *Spotify*, comprova. Ela começou sua carreira no início dos anos 2000 e segue até hoje lançando faixas inéditas, inclusive em parceria com outras mulheres.

Passei por várias questões por ser mulher dentro do funk. Sofri por ter começado com 29 anos, um pouco mais velha, e por ter ganhado mais peso no decorrer da carreira. A todo tempo, queriam dizer que não sou o padrão. Mas estamos conquistando cada vez mais espaço. (MC KATIA)²⁶

²⁶ Entrevista de MC Kátia ao Jornal Extra em 2020

<https://extra.globo.com/famosos/pioneira-no-funk-mc-katia-retoma-carreira-aos-45-anos-virei-avo-preciso-de-estabilidade-24461448.html#:~:text=MC%20K%C3%A1tia%20surgia%20no%20cen%C3%A1rio,Pablo%20Vittar%20e%20Luisa%20Sonza.>

FAIXA 5. RAP DO FUNK NEGRO

Em "O mundo funk carioca", Hermano Vianna (1976) relata que "mesmo com toda precariedade, os anos 74/75/76 foram momentos de glória para os bailes". Isso porque havia grupos, que eram chamados de equipe, como *Soul Grand Prix* e a *Black Power*, que realizavam bailes diariamente no Rio de Janeiro, sempre lotados. Essa fase foi apelidada pela imprensa de *Black Rio*. Um dos fundadores da *Soul Grand Prix* foi o engenheiro, preto, Dom Filó, que conta como a cultura dos bailes começou no Rio de Janeiro:

O negócio começou em 72, 73, lá no Renascença Clube, onde eu e o grupo cultural estávamos fazendo um trabalho de cultura para os jovens mesmo. O lance era o Orfeu Negro de Vinicius, então a gente montou o Orfeu, um espetáculo maravilhoso, um sucesso, mas jovem negro nenhum. Ninguém tava ligado nesse troço de cultura. Eu com aquilo compreendi e entrei numa de fazer som (INFORMAÇÃO VERBAL)²⁷

Vianna conta que os bailes da *Soul Grand Prix* "passaram a ter uma pretensão didática, fazendo uma espécie de introdução à cultura negra por fonte que o pessoal já conhece, como música e esporte" (1976, p.27). Enquanto a música tocava nas *pick-ups*, o povo dançava, havia exposição de fotos de grandes nomes da cultura preta nacional e internacional, além de exibição de filmes. Nessa época, James Brown era o maior destaque musical desses bailes, que dariam origem musical e culturalmente aos bailes funks como conhecemos hoje no Brasil.

Por conta dessa organização cultural, os bailes começaram a ganhar notoriedade na imprensa e após uma matéria publicada no "Jornal do Brasil", assinada pela repórter Lena Frias, em 1976, cujo título foi "*Black Rio - O orgulho (importado) de ser negro no Brasil*". Os líderes das equipes foram presos, pois a polícia acreditava que havia representantes da esquerda. Vale lembrar que estávamos vivendo a era da Ditadura Militar e uma reunião de centenas de representantes da cultura negra em um baile chamou a atenção dos militares.

Ao perguntar quem vai ser criminalizado com base em sua aparência pública, quero dizer, quem vai ser tratado como um criminoso, e apresentado como um criminoso (...); quem não vai ser protegido pela lei ou, mais especificamente, pela polícia, nas ruas, no trabalho ou em casa - em códigos legais ou instituições religiosas? Quem vai se tornar objeto da violência policial? Quem terá as queixas de agressão negadas? (BUTLER, 2019, p. 41-42)²⁸

²⁷ Entrevista de Dom Filó para o Jornal de Música, em 1976, reproduzida no livro "O mundo funk carioca", de Hermano Vianna.

²⁸ BUTLER, Judith. (2019). *Corpos em Aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa de assembleia*.

Figura 6. Orgulho (importado) de ser negro no Brasil



Fonte: Jornal do Brasil. Uma das primeiras matérias sobre o movimento funk, no Jornal do Brasil

Essa reportagem do "Jornal do Brasil" é considerada a primeira e mais completa da época. Posteriormente, o soul, segundo Vianna, "perdia suas características de pura diversão, 'curtição', um fim em si e passava a ser um meio para se atingir um fim: a superação do racismo (no discurso do movimento negro)". Como pontua Mbembe:

Há nomes que carregamos como um insulto permanente e outros que carregamos por hábito. O nome "negro" deriva de ambos. Por fim, mesmo que determinados nomes possam ser lisonjeiros, o nome "negro" foi, desde sempre, uma forma de coisificação e de degradação. Seu poder era extraído da capacidade de sufocar e estrangular, de amputar e castrar. Aconteceu com esse nome o mesmo que com a morte. Uma íntima relação sempre vinculou o nome "negro" à morte, ao assassinato, ao sepultamento. E, óbvio, ao silêncio a que deveria necessariamente ser reduzida a coisa - a ordem de se calar e de não ser visto (MBEMBE, 2018, p 264).

E completa:

A raça é ademais um complexo perverso, gerador de temores e tormentos, de perturbações do pensamento e do terror, mas sobretudo de infinitos sofrimentos e, eventualmente, de catástrofes. Em sua dimensão fantasmagórica, é uma figura da neurose fóbica, obsessiva e, por vezes, histérica. De resto, consiste naquilo que se consola odiando, manejando o terror, praticando o alterocídio, isto é, constituindo o outro não como semelhante a si mesmo, mas como objeto propriamente ameaçador, do qual é preciso se proteger, desfazer, ou ao qual caberia simplesmente destruir na impossibilidade de assegurar seu controle total (MBEMBE, 2018, p 27).

Dado este contexto, havia uma grande dificuldade de penetração do funk nos meios menos populares da cidade do Rio de Janeiro, bem como em outras partes do Brasil, pois "A soberania é a capacidade de definir quem importa e quem não importa. Quem é 'descartável' e quem não é" (MBEMBE, 2018, p .41).

Eles falavam: É favelado, então não presta, veio do morro, é bandido, traficante. De longe, eles já julgavam você. Mas de perto não queriam ver o que o funk fazia de bom. Olha quantos empregos a Furacão 2000 gerou, quantos artistas foram descobertos e deu a oportunidade a essas pessoas de ter uma vida nova. Isso foi assustando. Quem são essas pessoas? Que ritmo é esse? Que movimento é esse que tá envolvendo os jovens do Brasil inteiro? Que sonho é esse que tá saindo das comunidades e tá ecoando? (MC Marcinho)²⁹

Voltando a Butler, a autora afirma como "a precariedade designa a situação politicamente induzida na qual determinadas populações sofrem as consequências da

²⁹ Entrevista de MC Marcinho para o documentário "Meu patrimônio é a minha história", de Verônica Costa, lançado em 2020.

deterioração de redes de apoio sociais e econômicas mais do que as outras, e ficam diferencialmente expostas ao dano, à violência e à morte" (BUTLER, 2019, p.40).

Assim, é muito comum que a sociedade que está afastada do funk, até hoje, baseie suas críticas e reduza toda a cultura funk ao teor das letras, que abordam, em sua maioria, referências de sexo, violência e outros temas delicados. Sobre isso, Verônica Costa é enfática:

Muita gente fala pra mim: "Esse funk é horróroso, isso tinha que acabar". Eu falo assim: Eles não podem cantar as letras do Chico Buarque, eles não têm essa base. Eles denunciam através da música deles a realidade que eles vivem. Essa realidade só quem vive na favela, só quem tem essa dor entende.³⁰

Posteriormente, outras equipes foram sendo criadas pelo Brasil. Uma das mais emblemáticas na história do funk é a Furacão 2000, criada pelo casal Rômulo e Verônica Costa. A indústria fonográfica começou a ver nesse movimento uma potência e investiu no lançamento de LPs, que ainda eram uma mistura de *soul* com hip hop e *Miami bass*, a maioria com letras em inglês. As rádios, TV e os jornais passaram a introduzir o hip hop, que ia ganhando corpo do funk como conhecemos hoje, gradativamente em sua programação, como Verônica lembra:

A gente começou a dar um tema: Rio de Janeiro. E aí nasceu um grande poema: Eu quero é ser feliz na favela onde eu nasci ("Rap da felicidade", de Cidinho e Doca). Que grito lindo é esse, minha gente? E a gente começou a revelar muitos talentos. Isso me deu vontade de combater aquela criminalização que faziam com o nosso movimento, porque a favela descia e incomodava eles. Foi quando pensei: a gente precisa ir pra uma rádio FM. Foi muito difícil, mas conseguimos. De um baile foi pra dois, de dois foi pra três.³¹

Atualmente, no entanto, vê-se um retrocesso em relação ao funk na mídia. Já não há programas na TV aberta dedicados ao funk e nem com a presença maciça de artistas do gênero entre seus convidados constantes, apesar de no digital (YouTube e aplicativos de música) o funk bater recordes em números, como o clipe de "Bum Bum Tam Tam" que bateu um bilhão de *plays*, em 2018 e alçou MC Fióti, seu compositor e intérprete, a primeiro artista a conquistar esse marco. O vídeo está hospedado no canal *KondZilla*, aquele que, como falamos anteriormente, superou nomes como Justin Bieber e Ed Sheeran no YouTube.

O funk, portanto, encontrou nas plataformas digitais, incluindo as de música e as redes

³⁰ Trecho da entrevista de Verônica Costa para seu documentário "Meu patrimônio é a minha história", lançado em 2020.

³¹ Trecho da entrevista de Verônica Costa para seu documentário "Meu patrimônio é a minha história", lançado em 2020.

sociais, o lugar para perpetuar sua cultura, sendo os principais canais, o YouTube e o *Soundcloud*, nos quais os artistas fazem mixtapes com os sucessos do baile, gravam seus setlists no baile e disponibilizam integralmente sem cortes e ainda fazem podcasts e remixes.

O que chama atenção na trajetória do funk por meio das redes sociais nesse período analisado é que essa circulação estimula o florescimento de subgêneros que performatizam distintas matrizes estéticas e ideológicas. Enquanto no caso do funk carioca, muitas marcas territoriais da periferia permaneceram presentes - seja em termos do cenário do vídeo, seja na produção por meio de celulares e tablets -, nos casos do funk pop e funk ostentação essas marcas são atenuadas em direção a um imaginário pop desterritorializado e que dialoga com os ícones da música pop global.³² (SÁ, 2021, p. 87).

Enquanto o YouTube crescia no mundo, tínhamos no Brasil um representante que sem dúvida foi um dos protagonistas na invasão e consolidação do funk na plataforma de vídeo. Ao perder sua mãe, Konrad Dantas investiu o dinheiro do seguro de vida deixado por ela em equipamentos de vídeo e cursos. Ele fundou a produtora de vídeos *KondZilla*, criando uma nova estética para o funk, que naquela época, por volta de 2012, 2013 tinha o segmento ostentação como o mais bem-sucedido, principalmente na baixada santista, onde Konrad vivia.

Hoje, a *KondZilla* é uma produtora de vídeos e também uma gravadora que cuida do empresariamento de vários artistas. A sócia de Konrad Dantas é a sua mulher, Alana Leguth, que tem desenvolvido projetos voltados para mulheres no funk, como o programa de TV "*Hervolution*", exibido na Rede TV! e no YouTube, laureado na edição de 2021 do WME Awards, agora está desenvolvendo um selo musical que terá somente mulheres no *casting*.

A chegada dos aplicativos de música *Spotify*, *Deezer*, *Apple Music*, *Amazon Music*, *Tidal* e *Resso*, além do *TikTok*, a rede social chinesa que virou um fenômeno global por conta de coreografias e ajudou a promover o funk não só no Brasil, como globalmente. Uma pesquisa feita pelo *Spotify* em maio de 2018, da qual participei ativamente coletando números, dados e insights, analisa como desde 2016, o funk cresceu 4.694% na plataforma líder global de *streaming*, o *Spotify*. Esses dados reverberaram na imprensa e em pesquisas acadêmicas; um bom exemplo é o TCC "Cai de boca no meu bucetão", de Tamiris Coutinho.

O desenvolvimento desta dissertação de mestrado também começou após eu perceber o crescimento exponencial de algumas das principais *playlists* editoriais do *Spotify*, como a Funk *Hits*, Bonde do Funk, Funk Pop, Funk Consciente, dentre outras. Essas são as *playlists*

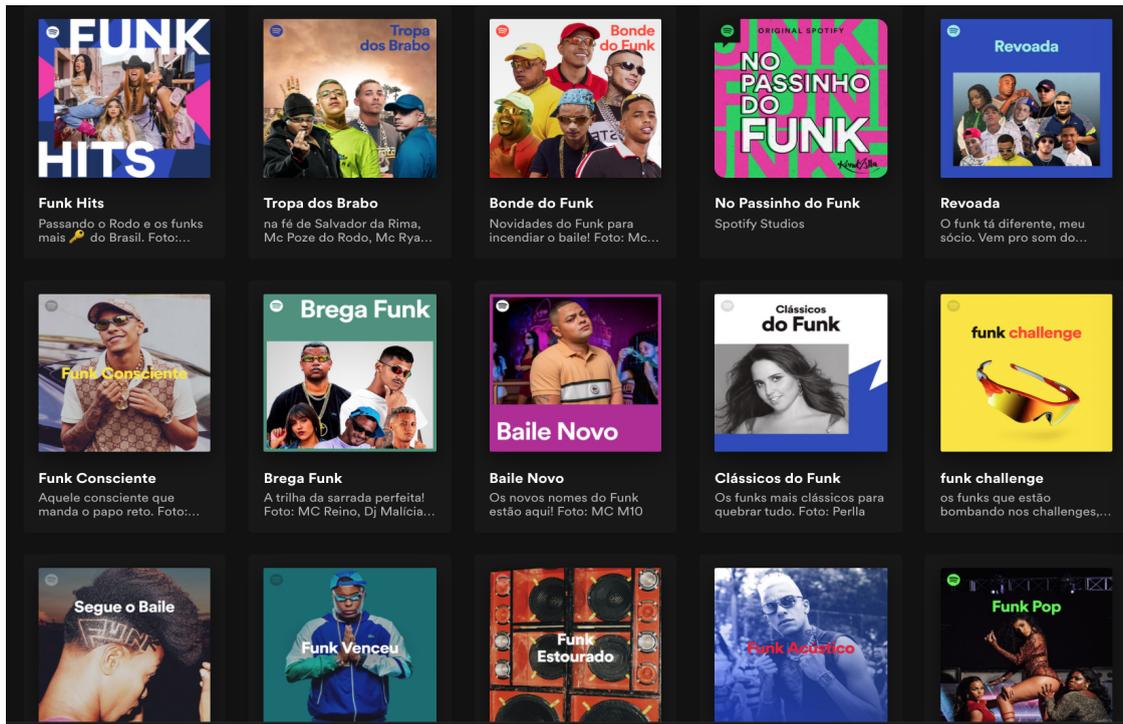
³² SÁ, Simone Pereira. "Música pop-periférica brasileira" (2021).

oficiais, feitas pelo time de curadores da plataforma, do qual fiz parte por quatro anos. Além disso, a estrutura de liderança do *Spotify* me levava constantemente a Miami, nos Estados Unidos, onde os artistas latinos, principalmente de reggaeton e pop, sempre que tinham a oportunidade me perguntavam sobre o funk brasileiro. Nesta época, fui convidada a falar, também em Miami, sobre o crescimento do funk no *Spotify* para o time de curadores da América Latina e para alguns líderes da plataforma dos Estados Unidos e Suécia.

Observando o crescimento global do funk, principalmente em Portugal, México, Argentina, Uruguai, Estados Unidos e Reino Unido, criei uma playlist oficial de funk voltada para os usuários internacionais da plataforma, chamada de *Mother Funk*. Nela, havia uma mescla de grandes *hits* do funk do momento e também alguns antigos que fizeram muito sucesso fora do Brasil, como "Tá tranquilo, tá favorável", de MC Bin Laden.

Atualmente, existem 33 *playlists* oficiais do *Spotify* dedicadas ao funk. Com quase cinco milhões de seguidores, a playlist Funk *Hits* é a maior do gênero, integrando as cinco maiores da plataforma e refletindo os maiores sucessos do gênero no momento. Apesar de termos grandes nomes do funk feminino entre as artistas mais bem-sucedidas nos bailes e na indústria, na semana do dia 18 de fevereiro de 2022, não havia nenhuma música de mulheres na *playlist* que conta com 50 faixas. As únicas exceções eram Mc Jhenny e Mc Mika, que fazem participação, ou *feat*, nas faixas "Chamo teu vulgo malvadão" e "O porte da 40" respectivamente, que são músicas de trabalho de artistas homens.

Figura 7. Algumas das playlists oficiais de funk do Spotify



Fonte: SPOTIFY (2022).

FAIXA 6. A HISTÓRIA DO FUNK SOB A VISÃO DELAS

A história do nascimento do funk carioca, em meados dos anos 1970, originário dos movimentos internacionais Miami bass, soul, rap, hip hop, que dominavam os Estados Unidos, foi contada em detalhes de fatos e cronologia em livros que viraram referências, como "O Mundo Funk Carioca" (1988), do antropólogo Hermano Vianna, e também "Batidão: Uma história do funk" (2005), do jornalista Silvio Essinger. A leitura desses títulos oferece os detalhes e principais personagens, que são na maioria homens, assim como, o nascimento e desenvolvimento do funk no Brasil.

Como o objetivo desta pesquisa é buscar o protagonismo da mulher no funk, este capítulo será dedicado a contar a História do Funk no Brasil sob o olhar feminino, para entendermos que lugar essa mulher ocupou ao longo destes mais de 30 anos, mas sem o devido protagonismo, e qual a percepção dela sobre os homens, principais personagens dessa indústria. Além disso, vamos entender o contexto da negritude no Brasil naquele momento.

Na História do funk brasileiro, a mulher levou muito tempo para aparecer com algum

destaque. Elas não estavam nos primeiros álbuns lançados na indústria, nem na primeira geração de MCs, e também não estavam em papéis fundamentais nos bastidores do primeiro momento. Mas afinal, quem foram as mulheres que abriram caminho para Anitta chegar ao topo das paradas do *Spotify* globalmente? Como é possível que haja mulheres hoje falando em suas letras sobre empoderamento feminino e esculachando os homens que sempre contaram a história? Poucos sabem que Xuxa foi fundamental para a propagação e aceitação do funk no Brasil.

Em busca dessas histórias, decidimos ouvir as duas primeiras mulheres no funk brasileiro: uma MC e uma apresentadora e fundadora de uma das equipes mais importantes da história do funk até hoje. A primeira MC do funk brasileiro, do sexo feminino chama-se Claudia Mendes dos Santos, a MC Cacau; e Verônica Costa, fundadora do Furacão 2000, junto com seu então marido Rômulo Costa.

Hoje chamada pela imprensa de "A primeira Anitta"³³, MC Cacau é uma baiana que se mudou para Duque de Caxias, no Rio de Janeiro, aos cinco anos, e começou a cantar em 1994, aos 19 anos. Ou seja, depois de vinte anos da chegada ao país da sonoridade que gerou o funk brasileiro, e cinco anos depois do lançamento de "Funk Brasil", considerado marco do funk brasileiro. Subia, então, ao palco a primeira mulher para cantar em um baile funk, mandando um recado já em sua música de estreia, "Rap do Baile" (1995): "Se eu entrei pro funk, agora não vou sair".

Na minha época não tinha mulher, só tinha homens (no funk). Eu já era funkeira nata, já frequentava baile funk, quando teve um concurso de rap no colégio onde eu estudava e o MC Neném, que considero meu mentor, falou: "Por que você não canta? Você vai ser a primeira mulher no funk, só tem homem". Pensei que valia o dinheiro, porque eu trabalhava de costureira numa fábrica. Quem ganhasse o concurso, ia ter uma música lançada num LP e ganhei. Depois, parei de trabalhar, porque fiz muito sucesso, todo mundo queria saber mais sobre quem era a mulher cantando funk, e eu era uma menina de 19 anos. Por eu ser a primeira mulher, fui muito bem recebida. Todos os homens me apoiavam, achavam o máximo, até deixavam eu cantar na frente deles, porque era por ordem de chegada. Não sofri preconceito nenhum, lógico que tinha uns que davam uma cantada, mas nada demais (INFORMAÇÃO VERBAL)³⁴

Apesar de acreditar que não foi vítima de preconceito, Cacau relata um problema comum no mercado de trabalho do mundo inteiro: homens sendo mais bem remunerados do que mulheres para desempenhar o mesmo trabalho. Esta situação não se restringe,

³³Artigo publicado no site "Extra" em 2018.

<https://extra.globo.com/famosos/mc-cacau-primeira-anitta-se-divide-entre-shows-em-comunidades-um-salao-fui-pioneira-22451159.html>

³⁴ Entrevista concedida por telefone por Claudia Mendes dos Santos, cujo nome artístico é MC Cacau, a Michele Miranda, em março de 2022.

evidentemente ao funk, mas está relacionada a uma questão mais profunda que parece desvalorizar as mulheres, como explica Butler (2019):

A economia fantasmática de Platão priva virtualmente o feminino de uma forma, porque, como receptáculo, o feminino é uma não-coisa permanente e, por isso, desprovido de vida e de forma que não pode ser nomeado. (...) O discurso de Platão sobre a materialidade é aquele que não permite a noção do corpo feminino como forma humana" (BUTLER, 2019, p.101-102).

MC Cacau explica como enfrentou dificuldades admitindo que era natural o cachê maior dos homens :

Desde muito novinha, a gente sempre escuta que a mulher nunca pode nada, né? Quando ganhei o concurso, eu não achava que ia dar certo, que ia ganhar as proporções que chegou. Eu era muito pobre, na minha casa nem tinha móveis. Através do funk, consegui minha primeira bicicleta. Hoje eles querem um carrão, naquela época eu só queria uma bicicleta. Não tive em quem me inspirar, porque não tinha mulheres antes de mim. Então me inspirei nos meninos que eu via nos bailes. Queria mostrar pra eles que a mulher também podia fazer aquilo. A mulher também podia subir no palco e ter um público. Lógico, o valor deles de cachê era muito mais alto que o meu, mas pra mim isso não tinha problema, eu queria mostrar pra eles que eu era tão boa quanto eles. (INFORMAÇÃO VERBAL)³⁵

Apesar de um discurso vanguardista de empoderamento feminino, raro na indústria do funk àquela altura, MC Cacau, como outras artistas, considera normal a diferença entre os cachês feminino e masculino. Esta internalização das relações de poder como um ato cognitivo é também observada por Butler (2019) que analisa a lógica econômica: "A economia que pretende incluir o feminino como termo subordinado em uma posição binária de masculino/feminino exclui o feminino, o produz como o que deve ser excluído para que a economia funcione" (BUTLER, 2019, p.70).

Mas onde estava a mulher na indústria do funk antes de MC Cacau conquistar seu espaço nos bailes do Rio de Janeiro e depois o Brasil ao participar constantemente nos programas da Xuxa, sobre os quais posteriormente vamos falar? E como eram os bailes nessa época?

Antes de eu ser MC a mulher estava no baile dançando, como público. Eu mesma ia pra curtir os bailes dançando com minhas amigas. Os donos dos bailes tinham uma estratégia pra atrair as mulheres: eles tocavam 30 minutos de música romântica pros casais dançarem juntos e se beijarem. O baile nessa época era muito romântico. Então quando veio a dupla MC Cacau e MC Marcinho foi um estouro. Primeira

³⁵ Entrevista concedida por telefone por Claudia Mendes dos Santos, cujo nome artístico é MC Cacau, a Michele Miranda, em março de 2022.

dupla com mulher, primeira dupla de funk romântico. Então foi uma febre (INFORMAÇÃO VERBAL)³⁶

A chegada de Mc Cacau despertou o olhar da indústria para a voz feminina no funk, especialmente no momento em que estava explodindo o funk romântico. Foi quando surgiram nomes como o de Claudia Félix de Freitas, a Claudia Mel, que, aos 16 anos, cantava em bares com o pai e foi descoberta pelo radialista e caçador de talentos Luís Carlos Nascimento. Foi ele quem apresentou Claudia para Maia Funk, dono da gravadora de pequeno porte M Funk Records, que também empresariava Mc Marcinho.

Mas um dia fui em um baile funk do Dj Marlboro e me encantei com o funk, com as pessoas, e vi que era uma boa oportunidade para mostrar minha voz. Depois de muito batalhar pois o funk era muito discriminado e uma mulher não era muito bem-vista no meio dos funkeiros, eu consegui subir e conquistar um novo degrau. Eu tinha 18 anos e assinei um contrato com o Dj Marlboro, que na época era o grande sucesso e ídolo da juventude. E aí passei a ser conhecida com Claudia Mel, a princesinha do funk (INFORMAÇÃO VERBAL)³⁷

Já na gravadora de DJ Marlboro, Claudia Mel foi parte de coletâneas, muito comuns ao funk que reuniam os maiores sucessos do momento em um disco, laureadas com platina, diamante duplo, ouro, etc. O maior hit de Claudia foi "Vem pra mim", que é uma composição dela mesma, algo raro naquele momento.

Voltando à entrevista de MC Cacau. Essa febre que ela menciona foi televisionada para o Brasil. A primeira vez que o funk brasileiro se consolidou na TV foi através da Furacão 2000, através de seus fundadores, Rômulo e Verônica Costa, que apresentavam juntos o programa homônimo exibido no braço carioca da Rede CNT, nas tardes de sábado. Em outubro de 1995, a CNT ampliou a transmissão para todo o Brasil, sob a alcunha de "O melhor do Furacão 2000", no qual durante duas horas de programa diversos MCs se revezavam no palco para cantar suas músicas e divulgar um telefone para contato de shows. As gravações aconteciam na boate Circus, em São Conrado, bairro onde também está localizada a comunidade da Rocinha. A propagação do baile saído das comunidades em direção ao Brasil inteiro foi noticiada pela Folha de São Paulo, em 1995.

O programa não deixa de ser cansativo a olhos e ouvidos. São duas horas de monocórdias canções executadas sobre a mesma batida eletrônica. Além disso, a apresentação é caricata, carregada de gírias funk - em todo número há "E aí,

³⁶ Entrevista concedida por telefone por Claudia Mendes dos Santos, cujo nome artístico é MC Cacau, a Michele Miranda, em março de 2022.

³⁷ Entrevista de Claudia Félix de Freitas a Michele Miranda, via e-mail, em março de 2022.

shock?", "Maior sacode" ou "Abalou". Mas "O Melhor do Furacão 2000" tem o mérito de reproduzir bem o clima de um baile funk, com sua típica precariedade. O cenário se resume a um paredão de caixas de som e o público se comprime em estúdio minúsculo, pulando, cantando e transpirando. Segundo o empresário e dublê de apresentador Rômulo Costa, dono da equipe de som Furacão 2000, o programa vai estreiar em rede nacional já com uma nova versão (FOLHA DE SÃO PAULO, 1995,p. online).³⁸

Observando os três milhões de frequentadores dos bailes funks do Rio de Janeiro - número divulgado à época pela Liga das Equipes de Som do Rio - outras emissoras de TV e Rádio começaram a abrir espaço para o funk. Foi o caso da TV Globo, através do "Xou da Xuxa", programa voltado para o público infantil. Posteriormente, Xuxa estreou um programa voltado para adolescentes e jovens, o "Xuxa Hits", que tinha até música própria para afirmar sua paixão pelo funk e o movimento ganhou ainda mais espaço. Sempre que recebia uma atração do gênero, uma vinheta com refrão repetitivo de "Xuxa é funkeira" acompanhada de uma batida clássica de funk, ressoava no estúdio. Os maiores nomes do funk passaram por lá como convidados, como MC Marcinho, Bob Rum, Claudinho e Buchecha, Latino e, claro, MC Cacau. Além disso, faziam parte do elenco fixo DJ Marlboro e o grupo de dança de rua *You Can Dance*.

Figura 8. Paquitas: loiras, brancas, de olhos azuis, com figurino *street*



³⁸ Reportagem da Folha de São Paulo, de outubro de 1995, noticiando a estreia do programa da Furacão 2000 em rede nacional na emissora CNT https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1995/10/01/tv_folha/6.html

Fonte: FOLHA DE SÃO PAULO (1995).

As paquitas, que nessa época eram oito mulheres loiras, de olhos azuis e pele branca, ganharam um figurino repaginado condizente ao estilo do funk: calças e camisas *oversized*, gorro, bota e dançavam sob o som de um *beat* clássico do funk, cuja letra era: "ole, ole, ole, ole, ola, eu quero ver essa galera balançar".

Mas a relação de Xuxa com o Funk começou bem antes do "Xou da Xuxa" e do "Xuxa Hits". DJ Marlboro conta em suas entrevistas que houve um momento de muita dificuldade de fazer o funk tocar nas rádios e aparecer nas mídias populares da época, já que a favela estava por trás do movimento. Estamos falando do início dos anos 1980, em que as rádios tinham um papel fundamental na indústria da música e as emissoras líderes eram Manchete e TV Globo. Eis que em 1990, sob direção de Tizuka Yamazaki, é lançado o filme "Lua de Cristal", protagonizado por Xuxa.

Uma cena emblemática é a que a mocinha interpretada pela Rainha dos Baixinhos está perdida na cidade tentando encontrar a casa onde ficará hospedada, e nessa aventura ela cruza com um grupo de funkeiros, com direito a *bboys*, como são chamados os dançarinos de *breakdance*, e MCs cantando uma música cuja batida traz a levada típica do funk carioca do fim dos anos 1990, porém a letra ainda se assemelha muito ao rap e ao hip hop, inclusive os dois gêneros são mencionados: "DJ no prato e nós no rap / Sou do hip hop e agora estou aqui".

Figura 9. Xuxa arrisca passos de *breakdance* com *bboys* em "Lua de Cristal"



Fonte: YouTube

Segundo DJ Marlboro, Xuxa então foi uma das responsáveis por propagar o funk no Brasil e o primeiro passo foi essa cena em "Lua de Cristal", filme de maior bilheteria no Brasil na década de 1990, com mais de cinco milhões de espectadores. Ele conta:

Disseram que precisavam de uns funkeiros para "Lua de Cristal", juntei uma galera e fomos participar do filme. Foi quando vi que ela gostava de funk mesmo. Depois participamos do "Paradão da Xuxa", que era um programa dedicado a diferentes gêneros musicais e teve um dedicado ao funk. E então participei do "Xuxa Hits" e depois do "Planeta Xuxa". Foi onde meu trabalho ficou conhecido no Brasil inteiro. Eu era conhecido no Rio de Janeiro, tinha um programa de rádio, mas para o Brasil inteiro respeitar o meu trabalho foi graças a Xuxa. Falar que eu sou grato a Xuxa é muita ingratidão, porque, na verdade, o movimento do funk inteiro é grato a ela. O funk passou por muita perseguição, ficou mal falado por muito tempo. E em nenhum momento a Xuxa deixou de ser funkeira. Nos momentos mais difíceis ela pegou a bandeira, falou "eu sou loira, sou bem-sucedida e sou funkeira, tenho olho azul, mas sou funkeira". O pessoal falava que ela tinha que ser neutra e ela rebatia: "não, eu sou funkeira mesmo".³⁹

Apesar de não encontrar outras mulheres nos palcos cantando no início de sua carreira, MC Cacao viu em Verônica Costa, apelidada pela comunidade de Mãe Loira do Funk, uma

³⁹ Entrevista de DJ Marlboro para o TV Xuxa, em março de 2012.

representação do gênero feminino na indústria, de fato, a única daquele momento.

Nascida em 1974, Verônica se casou aos 16 anos com Rômulo e juntos fundaram a equipe Furacão 2000, responsável por potencializar a história do funk e de diversos artistas até hoje. Ela também se lançou como cantora, mas hoje trabalha como vereadora no Rio de Janeiro. Em seu documentário, "Meu patrimônio é a minha história", lançado no YouTube em 2020, Verônica conta que antes de a Furacão 2000 virar referência no Brasil inteiro, ela e Rômulo comandavam um baile no Madureira Atlético Clube, no subúrbio do Rio de Janeiro, e que eles chegaram a ser despejados de casa seis vezes por falta de recursos financeiros. Tratava-se de uma época em que as rádios, a TV e a imprensa não falavam sobre o funk e o gênero ainda estava à margem, como Verônica relembra:

Quando você fazia com que a favela descesse pra curtir um baile funk, incomodava o asfalto, incomodava as autoridades. Eu botava ônibus em tudo quanto é lugar: São Gonçalo, Baixada, e a gente reunia aquela garotada e aquele era o lazer. E o funk gera emprego, esperança, muda vidas. E as pessoas não queriam saber, não queriam ouvir. As pessoas queriam criminalizar pra que pudessem parar, então os bailes eram interditados. Qualquer coisa que acontecesse num baile, um assalto: "Foi um baile funk", saía nas primeiras páginas dos jornais.⁴⁰

Figura 10. Furacão 2000



Fonte: Furacão 2000.

MC Cacau lembra as consequências positivas de ter Verônica Costa e Xuxa divulgando seu trabalho para o Brasil:

⁴⁰ Trecho da entrevista de Verônica Costa para seu documentário "Meu patrimônio é a minha história", lançado em 2020.

A Verônica (Costa) expandiu o funk muito no Rio de Janeiro e em Petrópolis. A Xuxa é uma funkeira nata e ela fez o funk ser conhecido no Brasil inteiro. E toda vez que eu aparecia na Xuxa, meu cachê dobrava e tinha mais ofertas de shows. (ENTREVISTA VERBAL) ⁴¹

Nesse momento, Verônica se tornou uma mãe para a comunidade do funk. Em seus programas da Furacão 2000, além de apresentar os grandes hits do momento e novos talentos, ela assumia um papel de autoajuda e referência para aquela população também: "Passar para dar um recado da Mãe Loira, que te ama muito. Trabalhe de dia, estude à noite. Sei que é cansativo, mas quando a gente quer, a gente vence. Se afastem do vício, das drogas, da bebida", ela dizia.

Nos bailes funk, eu era uma conselheira. Eu curava meus traumas quando eu revelava talentos, quando eu entrava na massa. E quando eles me elegem Mãe Loira do funk, muito jovem, é muito sagrado. Não foi a bonitinha do funk, não, foi a mãe. E chegaram muitas histórias pra mim: "meu padrasto me estuprou", "me dá uma oportunidade pra eu cantar meu rap"⁴².

Foi quando MC Marcinho, um dos maiores da época, fez uma música inspirado em Verônica e nomeou de "Glamurosa". Ela gostou tanto que, quando se separou de Rômulo, deu o nome de Equipe Glamurosa ao seu próprio baile.

Glamurosa
Rainha do funk
Poderosa
Olhar de diamante
Nos envolve, nos fascina
Agita o salão
Balança gostoso
Requebrando até o chão

MC Katia relembra sua trajetória quando começou no início dos anos 2000 e compara com a indústria de hoje.

O funk virou uma indústria. No passado, eu fazia sete shows em um final de semana e voltava para casa com mil reais. O funk só supria as minhas necessidades básicas. Era muito difícil, a gente sofria muito preconceito mesmo. Se você era gorda, se você era magra, onde morava, como se vestia. Tudo isso contava para você estar no palco. Hoje, o funk emprega e pode mudar a vida de muita gente. É muito mais

⁴¹ Entrevista concedida por telefone por Claudia Mendes dos Santos, cujo nome artístico é MC Cacau, a Michele Miranda, em março de 2022.

⁴² Entrevista concedida por telefone por Claudia Mendes dos Santos, cujo nome artístico é MC Cacau, a Michele Miranda, em março de 2022.

valorizado. E uma menina pode sonhar em seguir uma carreira no funk com muito menos barreiras (MC KATIA)⁴³

FAIXA 7. TRANSFOBIA RECREATIVA

A questão que murmura é quem pode fazer funk, quem lucra e quem ainda pode sonhar. Assim, é comum, por exemplo, nos bastidores do funk ouvir o relato de homens e mulheres que têm dificuldade em assumir que fazem parte da comunidade LGBTQIA+, assim como é raro ver mulheres e homens trans circulando na cena funk. Vale ressaltar que o Brasil é, pela décima terceira vez, o país que mais mata pessoas trans e travestis no mundo. Por outro lado, em 2020, foram eleitos 30 trans e travestis na política para cargos públicos.

No podcast "Transmissão", as cantoras Linn da Quebrada e Jup do Bairro, que se reconhecem como travestis pretas periféricas, convidaram Judith Butler para participar em junho de 2021 do episódio intitulado "Judith Butler, padrões de gênero e liberdade de corpos". Butler inicia a entrevista dizendo reconhecer-se como não-binária e comenta as dicotomias da vida *queer* no Brasil.

Quando eu conto às pessoas sobre o ataque que sofri no Brasil, elas sempre dizem: "Não pode ser, não no Brasil. O Brasil é festa, o Brasil é gay". E preciso explicar que não é porque é um país festivo culturalmente que gays ou trans não estejam em perigo nas ruas ou que não haja índices altos de assassinato ou que eles não consigam trabalho porque são discriminados. Essa imagem de férias e festa na praia está sendo vendida ao mesmo tempo que essa ala evangélica de direita ataca sexualidade, feminismo, gays, trans e travestis. (BUTLER, 2021, p. online).

Butler explica ainda que "o regime da heterossexualidade opera para circunscrever e contornar a 'materialidade' do sexo, e essa 'materialidade' é formada e sustentada à maneira e por meio de uma materialização de normas reguladoras que são em parte aquelas da hegemonia heterossexual" (BUTLER, 2019, p. 44.)

Aqui no Brasil, Jota Mombaça (2020), completa o debate proposto por Butler, abrindo ainda novas problematizações:

⁴³ Entrevista de MC Katia ao site "Meia Hora" em 2020.

Há toda uma economia especulativa posta em cena e, outra vez, a extração de um valor total, potencialmente infinito, pois especulativo, drenado a partir de forças de vida historicamente despossuídas de valor e, portanto, expropriadas do valor total de sua própria criação e trabalho. Esse processo de extração, ao mesmo tempo que criou certas condições (sempre parciais e contestadas) de acesso para aquelas de nós que não acedemos ao mundo social de forma linear, refez o território político da plantação, pois reinscreveu a vida negra, indígena, colonizada e dissidente (nossa vida) numa equação ética e econômica do valor como aquilo que é expropriado de nós.

Tais processos de valorização das vidas subalternizadas, embora estejam vinculados à emergência de práticas nomeadamente descoloniais no sistema de arte, parecem apontar na direção de um recentramento do valor como mediador de nossas vidas. O que isso tem a dizer sobre o modo como a decolonização tem sido articulada pelo sistema de arte não será meu foco agora, porém tenho a impressão de que uma problematização do valor, ou, mais precisamente, dos processos re-coloniais de extração do valor no marco do sistema contemporâneo de arte, é parte importante do trabalho necessário à desarticulação de certos modos institucionalizados de esvaziamento e despotencialização do verbo “descolonizar (MOMBAÇA, 2020 p.8).

Figura 11. MC Trans, uma das principais representantes da comunidade LGBTQIA+ no funk



Fonte: Queer.ig.com

Um dos poucos casos de destaque dentre os representantes do movimento LGTQIA+ é o de Mc Trans, que apresenta o quadro "Me ajuda, Trans" no programa *Hervolution*, transmitido pela Rede TV! e no YouTube, que conta histórias de superação de mulheres e tenta solucionar algum problema relacionado a emprego, imagem, autoestima. Hoje registrada sob a alcunha de Ana Vitória, Mc Trans foi morar nos arredores da Central do Brasil, no Rio de Janeiro, ao ser expulsa de casa pela família quando começou seu processo de transição de

gênero masculino para feminino. Foi quando começou a ter contato com o funk e conseguiu seu primeiro trabalho longe da prostituição como cover da Anitta, que publicamente, em entrevistas na Rádio Mania e no programa da TV Globo Altas Horas, reconheceu o posto de Mc Trans.

Meu primeiro contato com o funk foi nesse momento de vulnerabilidade social, porque antes de morar na rua, eu era roqueira. Fui a primeira trans a ir a uma roda de funk numa época em que as letras eram muito homofóbicas, que era normal ter "viadinho" nas letras, que as pessoas só tinham a referência da Laciara e da Mulher Banana, que era uma transfobia recreativa, só chacota com a nossa imagem. Já cheguei ali na roda brigando, falando que eu não estava ali para ser chacota de ninguém e mostrei meu trabalho. A indústria está mudando. Depois de Mc Katia e Tati Quebra Barraco lutarem para serem algumas das primeiras mulheres no funk, chegou o momento de nós trans brigarmos pelo nosso lugar. É difícil, mas não podemos desistir. 2022 é o ano das travestis invadirem tudo. É um recado: vai ter travesti em todos os lugares. Ninguém mais proíbe a gente de nada: estamos no Big Brother Brasil através da Linn da Quebrada, no Hervolution através da Mc Trans, no Gabinete através da Erika Hilton (eleita vereadora em São Paulo, em 2020). Sociedade transfóbica, sinto muito (INFORMAÇÃO VERBAL)⁴⁴

Mc Trans relata problemas de gênero que vão além do funk e também são descritos na obra de Judith Butler:

"A construção do gênero opera apelando para meios de exclusão, de forma tal que o humano não só é produzido sobre e contra o inumano, mas por meio de um conjunto de forclusões (ou rejeições), supressões radicais às quais se nega, estritamente falando, a possibilidade de articulação cultural" (BUTLER, 2019, p 25).

No contexto brasileiro Mc Trans explica uma série de impossibilidades que foram bloqueando seu caminho:

Não conseguia ter empregabilidade, tentei ir para a escola e não consegui, além de outras situações que a gente é violentada nessa sociedade machista, transfóbica e homofóbica. A Anitta me ajudou muito confirmando que eu era cover oficial dela. Foi a primeira vez no funk e na música que tive meu primeiro salário sem vir da prostituição, que é a única perspectiva das pessoas trans no Brasil. Depois de um tempo o DJ Xaropinho teve a ideia de gravar uma música comigo, a "Para menino". Eu estava tão acostumada a ouvir que eu não era capaz de tantas coisas que eu não acreditava que eu podia fazer esse trabalho. A música começou a tocar nos bailes, as pessoas gostaram. Fizemos um clipe amador que bateu 200 mil visualizações em uma semana e isso era muito naquela época para uma travesti. Fez tanto sucesso que a Regina Casé me chamou para ir no Esquenta cantar. Foi quando percebi que eu poderia fazer carreira no funk e quis estudar tudo sobre o movimento. Bati na porta

⁴⁴ Entrevista concedida por telefone por Ana Vitória, cujo nome artístico é MC Trans, a Michele Miranda, em fevereiro de 2022.

da Mc Katia para me contar a história do funk, da Tati Quebra Barraco e pedi para ela me ensinar a rimar. Em algumas músicas eu uso a militância trans, mas não quero só isso. Quero ser plural, falar das minhas outras vivências: como mulher, no funk e cantar música para todos (INFORMAÇÃO VERBAL)⁴⁵

De volta à fala de Mc Trans sobre transfobia recreativa por meio das aparições de Lacreia e Mc Banana, vale a pena contextualizar e aprofundar o que essas personagens representam na história do funk, mais especificamente no movimento LGBTQIA+. Um dos grandes hits do funk do início dos anos 2000 foi "Vai Lacreia" (2003), uma homenagem de Mc Serginho à dançarina Lacreia, que o acompanhava nas apresentações dando vida às coreografias de seus hits, como "Égua Pocotó". As duas faixas foram lançadas na compilação da Furacão 2000, intitulado de "Furacão 2000 Twister", cujo CD saiu em 2005. Lançada antes, "Égua Pocotó" estourou nas rádios brasileiras e alçou Mc Serginho a um dos nomes mais concorridos do funk daquele momento, além de confirmar o potencial de viralização da dançarina Lacreia.

No mesmo ano, Mc Serginho lançou "Vai Lacreia", cuja letra consistia em repetir o conteúdo do título da música, além de samplear a "Melô do Piripipi", eternizada por Gretchen, enquanto a dançarina protagonizava a cena ao performar suas coreografias nos palcos dos principais programas de TV da época, "Domingo Legal", com apresentação de Gugu, e "Planeta Xuxa", conduzido pela própria Xuxa. Lacreia virou um símbolo de entretenimento para os convidados do programa, que abriam uma roda para ela se apresentar no meio, enquanto os espectadores se divertiam com o teor cômico da música e da apresentação. Lacreia, cujo nome de registro era Marco Aurélio da Silva Rosa, morreu em 2011, aos 34 anos, em decorrência de uma pneumonia. Nos dez anos da morte de Lacreia, em 2021, Mc Serginho concedeu uma entrevista ao site "Extra" e analisou a mudança que a dançarina, que trabalhava como camelô antes da fama, provocou no Brasil.

Tem antes e depois da Lacreia. Na cidade do interior, esse grupo de LGBTs assumidos agradeceram. Disseram que antes as pessoas gritavam para eles 'viados escrotos', e agora gritavam 'vai lacreia'. A gente entendeu que tinha um papel importante na missão de ressocializar as pessoas (da comunidade LGBTQIA+). Arrisco dizer que não há pessoa mais importante do que ela nisso. Porque depois, o tema começou a aparecer mais na televisão, nas novelas... Foi um grito de liberdade: quem estava em cima do muro, caiu; e quem estava no armário, saiu".⁴⁶

⁴⁵ Entrevista concedida por telefone por Ana Vitória, cujo nome artístico é MC Trans, a Michele Miranda, em fevereiro de 2022.

⁴⁶ Entrevista concedida por Mc Serginho ao site de notícias Extra em maio de 2021: <https://extra.globo.com/famosos/mc-serginho-fala-da-saudade-10-anos-apos-morte-de-lacreia-da-importancia-da-parceria-me-transformou-25013102.html>

Já em meados dos anos 2000, as colunas de fofoca foram invadidas pelas Mulheres Fruta: Melão, Melancia, Morango, Maçã, Pêra e Banana. Essas mulheres tinham em comum o funk, umas se destacaram como dançarina, outras como MCs. Mulher Banana, cujo nome é Julyana Barbosa, que se intitula em suas redes sociais como "a primeira *transex* a cantar funk". Em 2018, ela apareceu em todos os jornais, mas como protagonista de uma notícia que nada tem a ver com a música: ela foi espancada por um grupo de homens, e precisou levar dezenas de pontos na cabeça, além de várias escoriações pelo corpo. "Não entendo por que eles fizeram isso comigo. Só pelo fato de eu ser uma transexual eu sou obrigada a apanhar?", disse ela em entrevista ao SBT.

Foi neste contexto que Mc Trans compôs sua faixa de estreia no funk e que continua criando respostas nas inéditas, mesmo que de maneira bem-humorada.

"Para menino" é a resposta para um cara que é incubado, que durante o dia ele xingava a gente na rua, mas de noite ele queria "procurar assunto" com a gente. Além disso, sempre foi muito natural para os homens comentarem abertamente sobre o tamanho da bunda da mulher ou sobre o formato do nosso peito. Estou fazendo uma música sobre o volume marcando na calça do cara, que eu fico olhando para ver se ele tem pirocão ou não. É justamente pra eles se sentirem invadidos, que é como a gente se sente. A importância do funk pra gente é pegar um movimento que eles usam pra vulgarizar a nossa imagem e devolver pra eles (INFORMAÇÃO VERBAL).⁴⁷

⁴⁷ Entrevista concedida por telefone por Ana Vitória, cujo nome artístico é MC Trans, a Michele Miranda, em fevereiro de 2022.

Figura 12. Roberto Price - Lacaia (à frente) e MC Serginho



Fonte: FolhaPress.

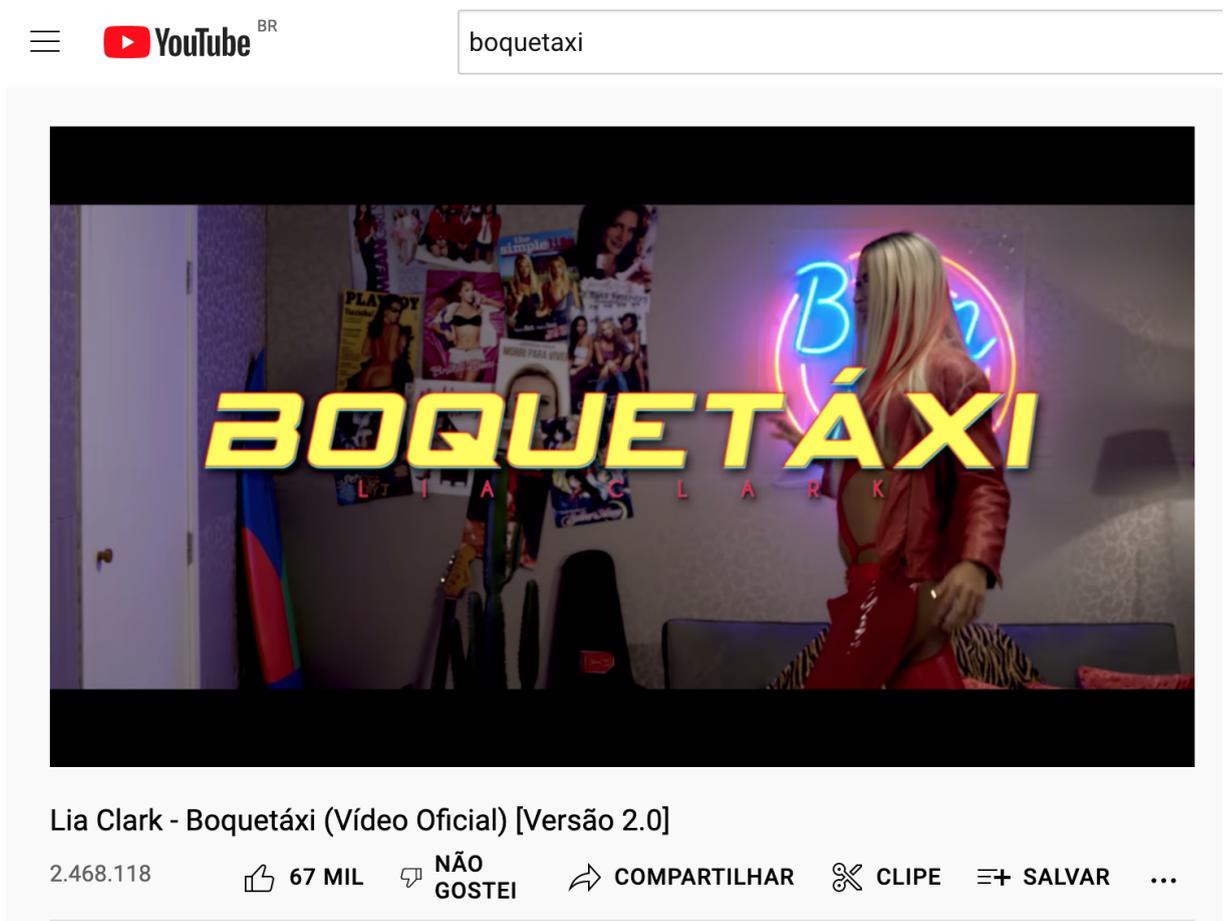
Reconhecida como a primeira *drag queen* do Funk, Lia Clark, cujo nome de nascimento é Rhael Lima de Oliveira, travou uma batalha contra o YouTube, a maior plataforma de vídeos do mundo. Em 2017, ela lançou na plataforma o clipe de "Boquetáxi"⁴⁸. Após 24 horas da estreia, com cerca de meio milhão de visualizações e no topo dos vídeos em alta, o YouTube enviou uma notificação de que o clipe seria exibido apenas para maiores de 18 anos. Lia, então, usou suas redes sociais para acusar o *player* de *LGBTQfobia* e machismo, alegando que artistas homens héteros publicam clipes ainda mais explícitos e não recebem nenhum tipo de censura.

Hoje acordei com a triste notícia de que o vídeo foi automaticamente removido da lista de vídeos em alta e não foi por ter caído de posição, o que é um processo natural, mas sim pq ele foi marcado como restrito por conteúdo impróprio para menores de 18 anos por conta do número alto de denúncias do público

⁴⁸ Assista ao clipe de "Boquetáxi", de Lia Clark, no YouTube <https://www.youtube.com/watch?v=xWDM01p9fo4>

heteronormativo que o vídeo atingiu com tamanha exposição. Eu poderia listar milhões de vídeos/músicas cis-héteros brasileiros que constam no Youtube com nudez e palavrões nos quais não consta a tal restrição de +18. Isso sem mencionar as traduções das músicas de vídeos internacionais. Porém, não vou apontar o dedo pra ninguém, só quero deixar explícito que isso é LGBTQfobia. E este preconceito não está vindo exclusivamente dos cis-heteros, mas também dentro da nossa comunidade, que acaba acreditando que se enquadrar aos padrões de higienização impostos por nossos opressores é uma questão de respeito. Não, não é! Respeito é tratar todos de forma igualitária. E não, eu não estou pedindo pra gostarem/consumirem o meu trabalho, eu só quero igualdade e respeito.⁴⁹

Figura 13. Boquetáxi



Fonte: Boquetáxi (2017)

No dia seguinte à manifestação de Lia Clark, o YouTube revogou a decisão e liberou o clipe para todas as idades.

⁴⁹ Texto de Lia Clark reproduzido pelo portal Popline, que noticiou a batalha entre Lia e o YouTube: <https://portalpopline.com.br/boquetaxi-clipe-de-lia-clark-e-censurado-e-drag-queen-acusa-youtube-de-lgbtqfobia/>

Boquetáxi, de Lia Clark (2017)
 Boa noite, eu gostaria de pedir um táxi
 Mas vem com tudo, hein?
 O meu nome é Lia Clark
 E aqui não tem frescurinha
 Já liguei o 99
 Pra sair desse sufoco
 A noite não acabou
 E o Waze vai ficar doido
 Uber tô cheia de marra
 Se olhar sobra pra tu
 Uberket é o caralho
 Hoje eu quero é dar meu... ui-ui-ui, ui
 Tô mandando o papo nele
 Falei várias baboseiras
 Ele vai cair na minha
 Ai, mas de qualquer maneira
 Está cheio de gracinha
 Tá todo risonho
 O boquetáxi rola hoje, hein?
 Seria meu sonho
 Bota o menino pra jogo
 Aumenta a quilometragem
 Vou pagar essa corrida
 Com a minha sacanagem
 Garanti essa carona
 Já vou dar aquele migué
 Depois do boquetáxi
 Nunca mais andei a pé, vai
 Vrum-vrum, ai
 Vrum-vrum, ai
 Vrum-vrum, ai, ai, ai, ai, ai
 Vrum-vrum, ai
 Vrum-vrum, ai
 Vrum-vrum, ai, ai, ai, ai, ai
 Ele parou na rua do lado
 Sem nenhum movimento
 As janelas se fecharam
 Ai, meu Deus! É o momento
 O vidro já embassou
 Ai-ai-ai, que vuco-vuco
 Acho que nessa corrida
 Foi eu que saí no lucro
 Vrum-vrum, ai
 Vrum-vrum, ai
 Vrum-vrum, ai, ai, ai, ai, ai
 Vrum-vrum, ai
 Vrum-vrum, ai
 Vrum-vrum, ai, ai, ai, ai, ai
 E segue assim, hein?
 Boquetáxi, cê sabe

'Tava morrendo de vontade
 Boquetáxi, cê sabe
 'Tava morrendo de vontade
 Ai, meu Deus, não sei o que eu faço
 Ai, grito

Assim como mencionamos anteriormente, as camadas de complexidade e subalternidade que atingem as mulheres negras, ainda mais precarizadas do que os homens, demonstra como a condição trans evoca ainda mais dificuldades na medida em que, além de tudo, coloca em xeque a lógica binária masculino-feminino.

Romper com essa lógica dual, reconhecida como padrão, implica em zonas desconhecidas e desprezadas pelo mercado. Por outro lado, o lugar de quem não tem lugar, será sempre um nicho. Mesmo antes da explicitação dos debates que insistem no reconhecimento de lógicas não binárias, como ocorre por exemplo, na rica bibliografia de Paul Preciado, iniciada pelo seu Manifesto Contrassexual (2015); a cultura *trans*, *drag*, já existia localizada em certos nichos. O exotismo e o erotismo desses nichos funcionavam para mantê-los circunscritos e inofensivos. Com os debates efervescentes que começaram a ocorrer em vários setores da filosofia e da economia, acabaram chegando também ao funk. A questão, pontuada por Mombaça entre outros pensadores, é como de fato entrar no sistema sem manter os estigmas criados pelo próprio sistema.

FAIXA 8. ENVOLVIDA FEAT ANITTA

No dia 25 de março de 2022, Anitta conquistou o primeiro lugar na parada global do *Spotify*, deixando gigantes internacionais, como Justin Bieber e *Imagine Dragons* para trás. Apesar de "Envolver"⁵⁰ ser um pop em espanhol, a música a levou para o topo do mundo com quase 130 milhões de reproduções somente na plataforma de *streaming* sueca, e foi considerada uma vitória do funk brasileiro. E mais: foi considerado uma vitória feminina do funk brasileiro.

⁵⁰ Assista ao clipe de "Envolver", de Anitta. <https://www.youtube.com/watch?v=hFCjGiawJi4>

Figura 14. Anitta "Envolver"



Fonte: Youtube (2022).

O crítico musical e colunista do G1, Mauro Ferreira, deixou claro no título de sua matéria, a importância do acontecimento: "Chegada de Anitta ao segundo lugar da parada global do *Spotify* simboliza vitória das mulheres no funk do Brasil. Escalada do reggaeton 'Envolver' jamais anulou o fato de a cantora ser associada ao 'batidão' carioca no universo pop", escreveu ele. E isso nem se deve ao fato de uma das principais estratégias de marketing da faixa ter sido viralizar uma coreografia bem funkeira, nomeada de "El paso de Anitta", ou "O passo de Anitta", que consiste em deitar no chão de bruços e rebolar a bunda, abaixando o corpo, como se fosse um movimento de flexão com os braços (G1, 2021, p. online).

Por trabalhar no *Spotify*, como mencionei antes, acompanhei de perto o início da carreira internacional de Anitta e sua evolução. O fato é que essa conquista global de Anitta não teria acontecido sem a construção nacional, o suporte da enorme base de fãs brasileiros, e principalmente, sem o funk.

Foi no funk que Anitta foi descoberta ainda pela Furacão 2000 e fez seus primeiros shows. Foi também no funk que ela lançou seus primeiros hits, "Meiga e Abusada", "Show das Poderosas" e "Bang", já com um fortíssimo flerte com o pop. E foi um funk, "Vai Malandra", que encerrou "*Checkmate*", projeto que ganhou esse apelido e tinha como premissa o lançamento de uma música com clipe por mês, entre setembro e dezembro de

2017, com as seguintes faixas: a bossa nova em inglês "*Will I see you*" (com *Poo Bear*), o *eletropop* "*Is that for me*" (com Alesso), a balada pop em espanhol "*Downtown*" (com J Balvin) e o *megahit* funkeiro "*Vai Malandra*" (com Mc Zaac, Tropkillaz e DJ Yuri Martins e Maejor), que se tornou um dos maiores sucessos de sua carreira, em número e repercussão.

O somatório da força de parcerias internacionais importantes, assinaturas dos maiores produtores do mundo e os números que esses trabalhos foram rendendo, fizeram Anitta se tornar um nome conhecido e observado pelos times de todo o mundo do *Spotify* e dos outros players de música. Vale salientar que pelo fato de o Brasil ser um país continental, com mais de 220 milhões de pessoas, é natural o potencial que representa para um grande número de assinantes. O Brasil, portanto, está entre os maiores para os players de música, assim como para o *Spotify*, em número de usuários, o que faz do país um dos maiores geradores de *streams* do mundo. Logo, o fato de Anitta ter tantos fãs no Brasil ajudou no volume de plays de "*Envolver*", mas é claro que ao falarmos de uma faixa que chega a 130 milhões de *streams*, ela certamente extrapolou as fronteiras e logo foi aceita pelo mundo todo.

O fato do primeiro lugar global ser de uma brasileira periférica, repercutiu na imprensa do mundo todo também. No Brasil, até William Bonner noticiou o feito no "Jornal Nacional". As *playlists* editoriais do *Spotify* representam uma grande força no descobrimento e promoção de músicas para os usuários da plataforma e Anitta estampou a capa das maiores *playlists* oficiais, em grande parte dos territórios onde o *Spotify* está presente, além de ter sido capa. A faixa ficou na primeira posição da Today's Top Hits, maior *playlist* do mundo em *streams* e em seguidores (são 31 milhões em abril de 2022), gerando milhares de *streams* por dia para os artistas incluídos.

Mas o fato de ter sido empurrada pelos curadores musicais e também pelas ferramentas de marketing que o *Spotify* tem na manga para promover músicas e artistas não desmerece o valor de Anitta. Afinal, o primeiro lugar global foi fruto de um esforço que começou quando Anitta ainda se chamava Larissa e morava em Honório Gurgel, bairro do subúrbio carioca onde ela nasceu.

Menos de um mês após bater o primeiro lugar mundial no *Spotify*, no dia 15 de abril de 2022, Anitta se apresentou no festival americano Coachella, que acontece desde 1999, no deserto, na Califórnia. Em um show de pouco menos de uma hora, repleto de signos da cultura urbana brasileira, Anitta usou seu corpo como mídia de si mesmo, fazendo dele um ambiente político, cultural e subjetivo, como propõe a teoria de corpomídia, "sendo o corpo e

a realidade frutos sempre provisórios das trocas permanentes que fazem" (GREINER, KATZ. 2010. p. 129).

Anitta entrou no palco com um figurino verde e amarelo, na garupa de uma moto, uma referência a seu clipe de "Vai Malandra". O cenário era formado por imagens de uma aglomeração de casas simples, remetendo às favelas cariocas, berço do funk, além de elementos muito comuns aos bares das comunidades, como engradados de garrafa e mesa de sinuca. Snoop Dogg entrou em cena antes de Anitta e cantou junto com ela "Onda Diferente", faixa da qual participa ao lado de Anitta, Ludmilla e Papatinho, que chega a quase 100 milhões de *plays* no *Spotify*. Entre uma faixa em espanhol e outra em inglês, a cantora seguiu flertando com elementos brasileiros, como tocar percussão, uma roda de capoeira, paredão de caixa de som (clássico dos bailes funk), bate-bola, trecho de "Bum bum tam tam", de MC Fioti, que foi o primeiro clipe brasileiro a ultrapassar a marca de um bilhão de *plays* no YouTube, e também trechos de clássicos do funk como "Árvore seca, é nós (Tipo Colômbia)", dos MCs Tam e Cula, e "Rap das armas", de Cidinho e Doca.

Tudo pronto, então, para Anitta cantar "Vai Malandra", enquanto ela repetia a todo instante "brazilian funk" e "baile de favela", como se explicasse aos espectadores de forma didática o que se tratava aquela apresentação. Na sequência, ela apresentou "Movimento da Sanfoninha", talvez essa seja sua música mais funk, que tem quase 70 milhões de *plays* no *Spotify* e está em seu álbum de 2014, "Meu lugar". Esse momento reuniu todos os elementos clássicos do baile funk: o passinho, os bboys, o lado A e o lado B, o quadradinho de oito. E foi assim que Anitta finalizou seu show no Coachella.

O contexto que abriga o fenômeno Anitta já estava constituído quando Larissa de Macedo Machado ainda nem sonhava ser Anitta. O funk já dominava as favelas da cidade, com hits que ainda continham o rap no nome e mulheres muito longe dos palcos.

Assim como muitos artistas do funk, Anitta começou a cantar na igreja, quando ainda tinha sete anos. Até que foi descoberta através de um vídeo no YouTube, em 2010, por um empresário da Furacão 2000, um dos grandes bailes funks do Rio de Janeiro, que acabou naturalmente virando uma gravadora, responsável por estourar muitos talentos do gênero. Foi quando Larissa virou MC Larissa.

Além de investir na carreira de cantora, MC Larissa também fazia cursos de marketing, administração e vários estilos de dança. Dois anos depois de assinar com a Furacão 2000 e já "rebatizada" de Anitta, ela lançou seu primeiro sucesso, *Meiga e Abusada*.

O burburinho que gerou nos bailes a levou a assinar com a gigante *Warner Music* e lançar *Show das Poderosas*, em abril de 2013, primeiro *single* de seu álbum de estreia, *Anitta*.

Com números de estrela global, Anitta passou de cinco bilhões de visualizações no YouTube e um bilhão de execuções no *Spotify* em 2020. No Instagram, ela é a brasileira com mais seguidores, passando de 61 milhões de fãs. Ela também é garota-propaganda de várias marcas, de cervejarias a bancos. Apesar de o funk ter sido seu nascedouro, há alguns anos, ela vem em relacionamentos mais sérios com o Pop e o Reggaeton, buscando, assim, alcançar o mercado internacional.

Foi assim que Anitta virou referência para todas as funkeiras que foram entrevistadas para esta dissertação, sejam elas fãs ou não de seu trabalho. MC Dricka, por exemplo, que vê em nomes mais antigos no funk, como Tati Quebra Barraco e MC Carol de Niterói, as verdadeiras influências de seu trabalho no funk, também reconhece a revolução que Anitta promoveu para as mulheres que estão chegando.

Temos que reconhecer as que chegaram primeiro. Se não fosse pela Anitta, o caminho de quem está chegando agora seria mais difícil. A diferença é que ela abriu caminho e foi direto pra televisão, pro pop. A Ludmilla a mesma coisa. A minha diferença é que eu abri mais o espaço para as mulheres do funk nas periferias. A Ludmilla tocou nas quebradas, mas agora ela está nesse movimento mais pop. E eu tô aqui ainda. Elas abriram o espaço televisionado e eu o periférico, do fluxo (INFORMAÇÃO VERBAL)⁵¹

Anitta não só interpreta suas músicas, mas também compõe, assina a produção musical e é empresária de outros artistas. Ela, hoje, desempenha praticamente todos os papéis da indústria fonográfica.

É bem óbvia a inspiração da maioria que é novata no funk: Anitta. Sempre gostei muito do jeito dela, desde a primeira música que chegou pra mim, a 'Show das Poderosas'. Quando eu ouvi aquela música, falei: quero ser igual a essa mulher, quero ser uma discípula dessa mulher. Querem criticar, querem diminuir ela, e ela não se importa. Ela me inspira muito: ela compõe, ela canta, ela dirige os cliques dela. Ela é minha inspiração. Ela e ponto (INFORMAÇÃO VERBAL)⁵²

Quem mais me incentivou, quem me fez olhar e falar: 'quero fazer isso', foi sem dúvida a Anitta. Ela abriu portas nacionalmente e internacionalmente que não existiam antes. Eu ouvia Tati (Quebra Barraco) e Valesca (Popozuda), mas a voz delas não chegava pra mim. Era uma época em que o funk ainda era marginalizado. O quanto que essas mulheres tiveram que ralar *pra* que hoje eu possa fazer funk também (INFORMAÇÃO VERBAL)⁵³

⁵¹ Entrevista concedida presencialmente por SANTOS, Fernanda, cujo nome artístico é MC Dricka, a Michele Miranda, em abril de 2021.

⁵² Entrevista concedida presencialmente por MORAES, Jheslen, cujo nome artístico é MC Baronnesa, a Michele Miranda, em março de 2021.

⁵³ Entrevista concedida presencialmente por Winnie a Michele Miranda, em março de 2021.

Transitando entre a inspiração para outras funkeiras, fenômeno internacional e sucesso nacional, a existência de Anitta não coloca em cheque nada do que foi analisado antes. No entanto, a sua presença em uma cena considerada mais “oficial” e midiática da indústria fonográfica e das redes, tanto no âmbito brasileiro como em um contexto mais global, faz refletir sobre a trilha que instaurou. É evidente que Anitta usa os recursos que lhe estão disponíveis para se constituir como uma marca. No entanto, junto com a difusão de sua marca, algumas questões políticas significativas são colocadas em circulação.

Se por um lado os números são relevantes e garantem a sua visibilidade e reconhecimento, há também um discurso que lhe acompanha e fortalece a imagem tornando-a uma referência na história do funk brasileiro. Como vimos, não é a única, mas aliada à singularidade das outras artistas que atuam, cada qual a seu modo, em contextos específicos e propondo suas próprias questões, instaura-se um coletivo múltiplo e diverso que abre caminhos para a afirmação do funk, ao mesmo tempo cúmplice e tensionador do mercado.

DOCUMENTÁRIO PILOTO

Para assistir ao documentário "No Passinho Delas", clique aqui: <https://bit.ly/3KIiwaF>

Figura 15. Mc Dricka durante gravação do documentário "No passinho delas"



Fonte: Arquivo Pessoal/Michele Miranda

Como já foi dito na introdução, uma parte importante desta pesquisa de mestrado é o documentário que se encontra em sua versão preliminar. Algumas perguntas, que já me despertavam curiosidade desde que eu era apenas uma espectadora no funk e, posteriormente, quando passei a trabalhar nos bastidores da indústria, nortearam as entrevistas:

- Você já foi vítima de machismo e/ou sexismo no funk? Como você lida?
- Você já se sentiu ofendida por alguma letra de funk cantada por homem?
- Você acha que se cantasse outro gênero musical sua carreira teria se desenvolvido mais facilmente?
- Por que algumas cantoras de funk (a maioria delas) migra para o pop?
- Qual espaço a mulher ocupa no funk?

- Quantas produtoras, roadies, DJs, empresárias mulheres você conhece no funk?
- A mulher hoje já conquistou o espaço que gostaria no funk?
- Existe mulher puta? Esse é um termo recorrente nas letras cantadas por homem.
- É mais difícil estourar uma mulher branca ou preta no funk?

Figura 16. Michele Miranda, a cantora Winnie e a diretora de fotografia Thany Sanches durante gravação do documentário "No passinho delas"



Fonte: Arquivo Pessoal/Michele Miranda

Abaixo, a transcrição de algumas entrevistas que rechearam o conteúdo desta dissertação:

MC DRICKA, cantora.

ARQUIVO DSC_004

00:17 - 00:45 -

Oi, eu me chamo MC Dricka, tenho 22 anos, sou empresária, compositora e cantora. Tenho umas 30 músicas lançadas, mais de 10 hits meus.

00:47- 2:11 - Quem te inspirou a cantar funk?

Eu costumava ver a Mc Marcelly nas antigas, Tati Quebra Barraco, MC Carol. Mas quem mais me motivou foi a Marcelly, porque eu me identificava mais com ela. O que me encantava era a força de vontade de expor o que a gente gosta de falar, sem ter vergonha, sem ter medo dos preconceitos. E antigamente só tinha mulher cantando putaria, não tinha mulher cantando consciente ainda. E aí fui me especializando na putaria, lancei uns conscientes também que deram certo, como "Charme que é daora".

02:14 - 2:50

A gente depende de nós mesma. A gente mostra que não precisa depender do próximo pra ter algo pra ter algo, que só depende de nós mesma. E mostrar que a gente não é isso de sexo frágil, nós dirige bem, nós tem carrao, nós se banca.

2:55 - 3:26

Do cara cantar sobre as mulheres e eu me sentir ofendida? Ah, várias! Só que comecei a deixar essa ofensa de lado e comecei a ofender. Aí foi onde começou a girar as coisas. Eles mostram o lado negativo deles e a gente mostra o nosso também.

3:29 - 4:41 - Qual a diferença do cara te chamar de puta e você dizer que é puta?

Ele vai falar pra ofender. Nós falar é sobre a profissão, é o que eu faço, é como eu ganho a vida. Já da boca do cara nunca vai ser emprego, vai ser algo ofensivo. Mulher que pega homem demais é piranha, hoje tá mais aceito pelas mulheres. Antes nós se sentia envergonhada. Hoje em dia a gente prefere ser piranha do que ser infeliz. A maioria das mulheres já começou a ter amor próprio então está amenizado. Prefiro ser piranha do que viver com uma pessoa que não me faz feliz.

ARQUIVO DSC_005

0:08 - 1:39 - A mulher já é protagonista no funk? ela já está onde ela quer estar?

Temos que reconhecer as que chegaram primeiro. Se não fosse pela Anitta, o caminho de quem está chegando agora seria mais difícil. A diferença é que ela abriu caminho e foi direto pra televisão, pro pop. A Ludmilla a mesma coisa. A minha diferença é que eu abri mais o espaço para as mulheres do funk nas periferias. A Ludmilla tocou nas quebradas, mas agora ela está nesse movimento mais pop. E eu to aqui ainda. Elas abriram o espaço televisionado e eu o periférico, do fluxo.

1:41 - 2:42 - Ir pro pop dá mais visibilidade?

Você ir pro pop obviamente você vai ter mais fãs, mais números. Quando a gente canta pop, expande mais, porque a gente começa a ter nossa imagem na televisão, na rádio. E aí as pessoas de classe média e alta vão começar a ver nós.

2:47 - 3:30 - Qual a diferença do funk pop pro funk periférico?

O periférico a gente é mais realista em falar sobre relações sexuais, como o governo trata a nossa sociedade. O funk pop fala de festa, amor não superado. Nós no 'funk funk mesmo', nós fala de ousadia, do que acontece com nós na periferia, do que acontece quando a gente vai frequentar um lugar que é um pouco mais alto que a gente. E isso o pop não faz.

3:40 - 4:33

Você ser fiel, ficar estacionado num lugar só e não levar a sua periferia a lugar nenhum é uma coisa. Agora você até cantar o pop pra levar a periferia junto com você compensa bem mais. Ao mesmo tempo que eu quero passar a visão pra periferia, eu quero passar a visão da periferia para as outras pessoas. Se eu ficar só ali, eu não vou conseguir falar pro próximo o que a minha periferia quer falar, né? Se eu levar minha periferia de raiz pra onde eu for, aí é diferente.

4:33 - 5:29 - Você já foi vítima de machismo?

Todo dia. Algumas pessoas incomodam, né? Graças a Deus eu cheguei agora e isso mudou um pouco. Mas antigamente a mulher funkeira pra ser MC tinha que expor seu corpo, né? Tinha que dançar um pouco mais vulgar, tinha que falar que é o homem que paga. Hoje eu sou uma pessoa fechada, não preciso expor meu corpo, pra mostrar o que passa na visão das mulheres. Não sou padrão, sou uma pessoa totalmente fora dos padrão. E por isso eu sou vítima do machismo.

5:38 - 6:12

Hoje em dia até tô vendo mais toque feminino no funk, até porque homem fazendo tudo não dá. Até tem, peço forças pra ter mais. Tem, mas as meninas às vezes não têm voz. A meta é ter mais. E eu quero mais mina. Tem que ter bastante.

6:24 - 6:53

Desconfortável. É igual a sexo, é uma coisa sagrada. Você não deve se relacionar com qualquer pessoa, você não deve doar seu corpo pra qualquer um, muito menos ficar expondo. O máximo que faço é cantar de top e calça, sempre.

6:56 - 7:43 - Você acha que o corpo feminino no funk ainda é uma moeda?

Ainda é uma moeda. Mas graças a Deus eu já vi mudar um pouco. Algumas mulheres preferem sensualizar e mostrar mais o corpo. É um sinal de empoderamento também. A Anitta, ela mostra bastante o corpo. Ela quer passar uma mensagem de nós pode isso, nós pode aquilo. Você vê que ela não liga de mostrar a celulite. Pode mostrar tudo o que o corpo de uma mulher tem.

0:15 - 2:00

Conheci a Mc Katia. A Tati é muito frenética. E eu sou assim. Cada MC eu peguei pra estudar e puxar alguma coisa. A Marcelly foi o jeito de cantar e me comportar no palco. A Tati foi as ideologias, as coisas que ela passava nas letras. A Carol também principalmente eu ouvi muito. E hoje a gente troca ideia. E eu ouvia a Carol falando nas letras que nós que manda nos homem, que se nós não quiser, você não vai ter. As que mais me identifiquei foi Carol, Marcelly e Tati. Tati me identifiquei nas roupas jeans que ela usava, calça jeans e top. Marcelly foi a postura de palco, o jeito como ela se movimenta, passa a visão, canta com emoção. E a Carol foi os temas que ela usa: seu maconheiro, vai lavar minhas calcinhas, vou te meter a porrada.

2:04 - 2:30

Meus temas preferidos são esses: Empoderamento. De falar que nós é superior, de falar que nós não quer mais, de falar que nós tem amor próprio, de falar que nós tem o nosso dinheiro, que nós somos trabalhadoras.

2:35 - 3:20

Mostrar a verdade, que nós pode sim. Eu não só canto, eu mostro meu dia a dia. As meninas falam: caraca, olha como que ela chega, olha como que ela é foda. Eu falo: meu baile hoje é só pras mulheres. Então vem o baile todo deixar os caras no chinelo. Eu não só escrevo e canto pra empoderar, eu também passo.

ARQUIVO DSC_007

0:01 - 1:06 - O que falta pras mulheres chegarem ao lugar que elas querem no funk?

Ter uma mulher foda no topo. Porque os homens querem que a gente seja minoria. Estourei sozinha com empurra-empurra. Soltei umas 20 vezes pra rua. Aí mandei pra BH as vezes que os caras de São Paulo não deu valor.

2:45 - 4:10

Tem várias mulheres famosas que dizem que se inspiraram em mim, só não admitem. Só não pode deixar subir esse ego. Não vamos só passar pano pras mulheres. Uma é pela outra, mas nem todas estão disponíveis pra fazer isso. Eu reconheço, eu respeito quem chegou primeiro, falo com quem que eu aprendi. Quanto mais pessoas te imitam, é que tá dando certo. Elas nunca vão saber o que eu vou fazer depois. Elas imitam o que já lancei.

4:20 - 5:15 - Por que as mulheres ainda brigam tanto no funk umas com as outras?

Tem mãe que joga o filho fora. Tem mulher que não é mulher. Não podemos culpar só os homens, tem mulher que é possessiva. Sempre vai existir a recalcada, a invejosa.

Figura 17. Michele Miranda entrevista Mc Baronnesa para o documentário "No passinho delas"



Fonte: Arquivo Pessoal/Michele Miranda

MC BARONNESA, cantora.

ARQUIVO C001

05:35:40 - 05:37:33

Eu sou cabeleireira. Eu tava fazendo o cabelo delas, e eu tinha mania de ouvir um funk que eu não gostava da letra, e eu ia lá e dava a resposta usando a mesma melodia, como se fosse uma mulher respondendo ao conteúdo pejorativo dos homens.

Eu não tinha coragem, porque eu venho de uma família evangélica e o sonho dos meus pais é que eu fosse cantora gospel. Inclusive, nessa época, eu estava gravando um CD gospel. como eu ia falar isso pros meus pais? Pai, não vou mais cantar gospel, tô indo pro funk! acho que ele levaria mais de boa se eu falasse que to indo pro samba. as pessoas mais conservadoras têm uma imagem muito pejorativa (do funk). um dia o produtor que gravava gospel comigo disse que eu levava jeito para funk e gravou comigo. eu gravei, postei nas redes e fui pra casa. meus pais ficaram chocados, aquilo não era o que eles esperavam, mas depois apoiaram.

05:37:40

O legal eram as pessoas mais conservadoras lascando comigo nos comentários dos vídeos: "você vai pro inferno". E eu respondia: "de tobogã. tô indo".

05:31:50 - 05:32:18

Eu fazia umas letras brincando. Eu escutava um funk que eu não gostava da letra que o cara tava falando e eu brincava fazendo as respostas.

05:33:38 - 05:34:00

Sou a Mc Baronnesa, tenho 26 anos, sou de São Bernardo do Campo.
Estou no funk há cinco anos.

05:34:08 - 05:35:26

É bem óbvio da maioria que é novato no funk: Anitta

Sempre gostei muito do jeito dela, desde a primeira música que chegou pra mim, a Show das Poderosas. Quando eu ouvi aquela música, eu falei: quero ser igual essa mulher, quero ser uma discípula dessa mulher. Querem criticar, querem diminuir ela, e ela não se importa. Ela me inspira muito: ela compõe, ela canta, ela dirige os cliques dela. Ela é minha inspiração. Ela e ponto.

05:38:48 - 05:39:49

Gosto de gente que se impõe. Da Marcellly. Gosto de letras que tenham conteúdo. Não tô dizendo que o funk não tem conteúdo. O funk tem várias vertentes. Tem a galera que canta vou descer até o chão e vou sentar e isso eu ouço quando tô em festa. Pra tirar como referência, gosto de letra, conteúdo, histórias e a MC Carol de Niterói traz muitas histórias e ela bate de frente com homem. Eu considero macho muito folgado. Ele pensa assim: 'eu fui criado antes por Deus e eu mando nessa porra'. E ela fala: 'se você ficar de graça, você vai lavar minhas calcinhas e eu vou pro baile'.

05:39:53 - 05:40:19 - Você acha que falta mulher no funk?

Estamos em expansão, está chegando mais mulheres. O funk sempre teve mulheres, mas a gente nunca teve espaço. Com certeza sempre teve mina que canta funk. É um sonho da quebrada e a quebrada tem homens e mulheres. Mas não tinha espaço.

05:40:23 - 05:40:44

Ainda querem que você venda corpo e não letra. Que você canta fode minha buceta e não canta sua realidade, que não canta sobre relacionamento abusivo. Então o funk sempre teve mulheres, o funk não tinha espaço pras mulheres. Está abrindo agora.

05:40:46 - 05:41:45 A mulher está onde ela quer no funk?

A gente não tá nem onde a gente quer na vida. A luta começou agora. A gente pode ter MCs mulheres, mas não tem produtora, não tem fotógrafa, você anda pelos corredores e só encontra macho. Quando você vai no rolê, 60% é mulher e os machos só vão porque tem mulher. E quando você vai na fábrica, atrás das cortinas, tem poucas mulheres.

05:42:30 -

Eu até coloquei no meu instagram: especialista em criticar macho nas músicas. Porque uso as minhas músicas pra poder criticar.

05:44:34 - 05:45:32

Muitas vezes eu falei: quero cantar tal música e falaram não pode e me mandaram cantar outro tipo de música. Mas essa putaria aí tem um monte de homem cantando, de mina

cantando. Se for pra fazer igual, eu fico na minha casa e escuto eles. Eu já dirigi uma cena que na hora de ir pro ar cortaram. Engraçado que teve uma cena que várias meninas se beijaram e eles colocaram. Quando você vende o corpo, a sensualidade, eles colocam no clipe. Quando você quer passar outra mensagem, você é silenciada.

05:46:16 - 05:46:58

Os caras querem gravar a gente de calcinha, de biquíni, falando que vai dar pra quatro macho. Não acho na minha experiência que a mulher tem espaço pra direcionar, guiar a carreira dela, somos um monte de pau mandado. A Anitta, sim, está mandando na carreira dela e tudo bem se ela quer aparecer de sutiã e calcinha. Eu tô falando que quando a gente quer fazer diferente que não seja sensual, provocativo, que não mostre o corpo, aí não pode, não vende.

00:47:20 - 05:48:13

Toda vez que uma mulher quer um espaço que ela tem que se impor, é mais difícil. Se você gosta de passar a visão na sua letra, é difícil ser MC. Se você vai impor seu jeito na produção, é difícil pra mulher. Se ela quer ser dançarina, onde ela só vai mostrar o próprio corpo, as portas se abrem. Tenho certeza que se eu emagrecer 20kg, colocar silicone e passar a cantar "fode a minha buceta", eu vou mais rápido. Seu número de seguidores vai aumentar, porque é isso que os homens querem ver das mulheres. Não tô nem aí se não vende pros homens, eu quero é atingir as mulheres mesmo.

00:49:32 - 00:49:36

Já fui vítima do machismo dentro do funk 500 mil vezes.

05:50:01 - 05:51:03

Eu estava tendo crises de ansiedade. É o tempo todo: não, você tá errada. Sempre sofri pressão, não por ser mulher. É porque eu quero me impor. Se eu fosse mulher calada, tava tudo ok. Essa música não vende. Você não tem outra coisa aí não? Mais mexe a bunda? Mais dançante? Se tentam me silenciar, é machismo. Se a Anitta falar quero mexer minha bunda e falarem pra ela não rebolar, é machismo. Se eu falo não quero e o cara fala que eu tenho que rebolar, é machismo.

05:51:07 - 05:51:10

Eu já me senti ofendida por letra masculina de funk 500 mil vezes.

05:51:18 - 05:52:30

Que merda é aquela?

Só surubinha de leve...

O cara não tem consciência que ele influencia os caras a agir igual a ele? Já acha que a gente é qualquer coisa, né? Aí o cara vai achar que é bonito te pegar em casa em segurança, te leva pra beber, te come depois de bêbada e te larga na rua. Se você é homem pra buscar a menina em casa, seja homem pra trazer de volta em segurança. Você não é homem suficiente pra ter relações sexuais sem a menina estar louca de bebida?

05:53:07 - 05:53:53

Nós temos MCs homens que já estão cantando a valorização da mulher, como o MC Paulinho da Capital. Mas fico pensando o quanto esse homem sofreu lá atrás, se ele sempre teve esse tipo de pensamento, de valorizar a mãe dele, mãe solteira. Fico pensando: quantos não ele recebeu lá atrás? Porque o que vendia era isso: que mulher é puta, que vou comer e to aqui no meu camarote com um monte de macho bebendo. E é uma reflexão que eu faço: se eu mudasse minhas letras, será que eu já estaria num outro patamar?

05:55:02 - 05:56:18

Quando as mulheres do funk pegam um pouco de fama e migram pro pop, eu acho que é porque o funk é diminuído. A galera critica, fala que não é música, que todo funkeiro é burro, então existe um estereótipo ali. Acho que é por causa da facilidade que o pop traz pra falar de outros assuntos. Elas saem pro pop pra não ficar presa só a sensualidade, ao corpo, querem mostrar mais. No pop a Anitta pode cantar sobre outras culturas, aparecer mais vestidas e também pode mostrar a bunda dela.

05:59:56 - 06:00:24

Já ouvi: Baronesa, muda sua música. Já perdi a conta de quantos DJs me chamam pra gravar e pedem uma letra. Eu mando e eles falam: mas essa aí não vai bater, não tem uma putaria? Aí eles falam "vamos ver" e nunca mais me chamam.

06:00:42 - 06:01:02

É mais fácil pra um homem estourar uma música no funk do que uma mulher. Eles têm as portas abertas. Se um homem canta "vou te comer, vou te fuder", beleza, estourou. E se uma mulher cantar 'hoje eu vou dar, quero sentar', vão dizer 'ah, não, você é puta'.

06:02:30 - 06:03:03

Se a mina quer dançar e se exibir e tremer o corpo, é problema dela, ela tá se sentindo bem e tudo bem por isso.

06:03:40 - 06:04:09

Tem como você falar pra mulher 'vai se solta, dança aí que o pai tá vendo' sem você tentar diminuir ela por isso. 'Hoje eu vou no camarim, vai tá cheia de puta e eu vou escolher quem eu vou comer'. Porra, aí é demais. Eu escolho quem eu vou comer? E as minas? O problema não é o que fala, mas é como está sendo dito.

06:04:23 - 06:04:32

Eu acho que eu vou morrer e vou estar criticando macho, porque é uma raça que não quer evoluir.

06:06:00 - 06:06:58

A hora mais triste de uma MC é a hora de escolher repertório pra show. O que você vai cantar? A Baronesa critica macho. Aí eu tô lá no show e vou cantar 'hoje eu vou te comer e vou te abandonar'?

ARQUIVO C002

06:11:12 - 06:12:18 - Baronnesa cantando música autoral sobre cara interesseiro

06:12:21 - 06:13:02 - Existe mulher puta?

Não. Eu acho que tem mulher que valoriza o corpo dela. Eu tenho uma música que diz: "mulher esperta é a que vende o próprio corpo". Os manos já nao valoriza. Põe seu preço, porra. Não tem puta. Tem mulher empreendedora.

06:14:10 - 06:14:51 - Baronnesa cantando música autoral

WINNIE, cantora.

06:48:37 - 06:49:39 - Como é ser compositora mulher? Você é levada a sério?

Eu fazia música porque eu gostava. Eu não tinha ideia de que isso poderia ser um trabalho, uma maneira de ganhar dinheiro. Simplesmente porque as mulheres não estavam presentes, não se sentiam capacitadas. Os artistas e outros compositores têm olhado pras mulheres como uma força, o jeito como a gente conta uma história na música é diferente.

06:49:41 - 06:50:36 - Sobre assédio

Já passei por episódios de assédio, de sentir que minha opinião não foi tão creditada, porque era a opinião de uma mulher. É uma coisa que acontece e você não pode falar: 'olha, acho que você não está levando minha opinião em consideração porque sou mulher'. É tão difícil chegar lá e ainda ter que se posicionar, se reafirmar. E isso acontece como cantora de funk também'.

06:51:17 - 06:52:22 - Sobre Anitta

Quem mais me incentivou, quem me fez olhar e falar: 'quero fazer isso', foi sem dúvida a Anitta. Ela abriu portas nacionalmente e internacionalmente que não existiam antes. Eu ouvia Tati (Quebra Barraco) e Valesca (Popozuda), mas a voz delas não chegava pra mim. Era uma época em que o funk ainda era marginalizado. O quanto que essas mulheres tiveram que ralar pra que hoje eu possa fazer funk também.

06:52:36 - 06:53:31

A Tati, a Valeska, elas conseguiam fazer o discurso delas como uma mulher ainda massacrada, que podia falar o que queria, mas ainda era objetificada. Quando a Anitta chegou, ela trouxe o 'Show das Poderosas', tentou elevar para outro patamar, um patamar que a mulher pudesse realmente ter voz.

06:53:33 - 06:54:59 - O Funk é um ambiente de igualdade de gênero?

Totalmente não. Até mesmo aqui dentro da empresa. Tenho um empresário e uma empresária. É tudo zelado para que a gente tenha voz, conteúdos para levantar a bandeira feminina, mas

sei que em outros lugares a gente não tem essa voz. A gente ainda é muito objetificada, assediada. Não é uma questão só do ritmo, é uma questão da sociedade. Enquanto a mulher estiver ganhando menos que o homem, enquanto a mulher for menos valorizada, tudo isso vai se refletir na nossa música.

06:55:28 - 06:56:45

Eu gostaria de ver mais é produção musical. Eu desconheço mulheres que trabalhem com produção musical. Vamos lá, produtoras musicais, cadê vocês? E não ter medo de escrever as nossas letras, porque um cara escrevendo pra gente não é a mesma coisa. Sempre vem um cara falando que tem uma letra pra mim. quando peço pra ver, eu digo logo 'isso eu nao canto', e trato de mudar.

06:57:20 - 06:58:00

Eu já sofri machismo no funk, sim. Cheguei falando do meu trabalho e a pessoa levou para segunda intenção. A ponto de eu chorar e falar "por que eu tenho que passar por isso toda vez que eu falo quem eu sou, o que eu faço".

06:58:22 - 07:00:00 -

Tem algumas músicas que eu particularmente não gosto. Ah, não, da raba eu gosto! Tem algumas músicas que se eu tiver numa festa e tocar, eu saio da pista. Não quero dançar aquela música, porque me coloca numa posição desagradável, como se fosse me colocar num ninho e pode vir gavião.

DUDA ROSA, cantora.

ARQUIVO C001

08:04:40 - 08:04:53

Duda Rosa - 22 anos - Recife - atualmente moro em São Paulo

08:07:18 - 08:08:09

Eu vim do Brega Funk, que é um ritmo que os homens predominam e tem pouquíssimas mulheres. E quando eu vim com o Brega Funk, foi algo inovador. Então, é muito gratificante ver as mulheres entrando pro Brega Funk. No Brega Funk tem menos mulher do que no funk.

ARQUIVO C002

08:11:30 - 08:11:50

O fato do meu nome não estar em Sentadão só me prejudicou em visibilidade, porque as pessoas conhecem a voz de Sentadão, mas não sabe quem canta. Mas não sou de me apegar nisso não, porque tá vindo muito hit por aí. E vamos partir pra próxima.

08:12:06 - 08:12:12 - Por que seu nome não entrou em Sentadao?

Não sei. Até hoje não sei. Mas também não me interessa. Enfim. É isso aí...

08:14:27 - 08:16:37 -

Como os homens são machistas, eles preferem ficar entre eles. A mulher é excluída e entra apenas como uma cappella. Eles não dão a importância que deveriam dar à voz feminina.

08:12:30 - 08:13:46 - Vou rebolar, só não bota a mão em mim.

No meio do funk e do brega funk, é um meio muito machista. Tem muitos homens que não podem ver uma mulher dançando, cantando funk, que eles não respeitam. Eles se sentem no direito de tocar na mulher. É de uma grande importância, porque eles não respeitam você. É pra dançarmos livremente.

08:16:40 - 08:19:20

tem muitas cantoras no funk que me inspiram. Tem MC Katia, que é minha amigona, que adoro ela. Tem IZA, tem Anitta, que tá no pop. Elas migram pra outros gêneros porque elas não têm tanto espaço no funk, é mais machista. Os homens se sentem ameaçados quando veem uma mulher empoderada, dona de si. Que nem Anitta. Ela é julgada por ser aquilo que ela é.

08:20:05 - 08:20:35

Eu adoro mostrar meu corpo no clipe, porque lá me sinto poderosa, me sinto linda. Quando tô no meu momento do clipe, só posso ser eu. Faço o que eu quero. Porque ali é meu momento.

Figura 18. A diretora de fotografia Isadora Totaro durante entrevista com Rita de Cássia para o documentário "No passinho delas"



Fonte: Arquivo Pessoal/Michele Miranda

RITA DE CÁSSIA, empresária da Los Pantchos.

ARQUIVO CO13

41 anos, casada há 25 anos, sou dona da Los Pantchos juntamente com o Marcelo e a gente administra essa parte de cuidar dos artistas, de montar a carreira dos nossos artistas. Temos 28 artistas, somente 7 meninas e o restante é masculino. Lamentavelmente o mundo da música é machista. Tenho só produtores homens, minha filha está estudando isso pra ser produtora musical. Começamos fazendo eventos, com o Marcelo a frente, porque infelizmente a credibilidade de um homem falando é muito maior do que a de uma mulher. Eu ficava por trás, dava as ideias, mas quem dava a cara era ele. Até então as pessoas só conheciam o Marcelo. Tenho artistas que se recusam a falar comigo por preferir falar com Marcelo: "ah, ele é homem, ele entende". O que as pessoas não entendem é que não uso o útero pra trabalhar, eu uso o cérebro. A gente dividiu: eu fico com a parte burocrática e ele com a parte financeira.

ARQUIVO CO14

A desconstrução é constante. Tenho um leque muito mais masculino do que feminino. Muitos deles eu resgato da periferia, do tráfico. E eles vêm enraizados com a cultura do funk putaria. E eu tenho que explicar pra eles que o funk putaria é um sexo consentido, onde ambos querem, ambos estão cientes do que estão fazendo. E o que é apologia do estupro, onde eu entorpeço, induzo e até estupro alguém, abandono. E aí tia, é cultura do estupro ou é putaria? Se é um sexo consentido e ambos querem: putaria. Se eu induzo ou se só uma parte quer: é cultura do estupro. E com isso eu tomo muito cuidado com as letras.

10:27:47 - 10:28:16

A desconstrução não é só dos meninos. Lamentavelmente, nós somos criados por mulheres e mulheres muitas vezes machistas. E não é por culpa delas. A sociedade é isso. A gente vem de avós que sofreram abusos a vida toda, violência. O patriarcado nos oprime muito. Então aqui a gente também trabalha a autoestima dessas artistas.

10:28:36 - 10:28:54

Admiro é lindo a mulher que veste 38, mas a titia aqui veste 56 e também sou linda. É hora da gente tirar esses padrões e que muitas vezes nos torturam.

10:28:51 - 10:29:35

A grande maioria aqui tem transtorno de ansiedade, transtorno com comida, são as minhas artistas mulheres. Tem lugares que elas vão que eu tenho sempre que ir ou mandar alguém junto porque o assédio é enorme. Pessoas que mandam fotos sem elas pedirem. Sei lá de onde veio na cabeça masculina que se mandar foto do pinto é interessante. Então a gente passa por esse assédio muito grande.

10:31:10 - 10:31:32

O Marcelo dá uma ordem, as coisas acontecem. Eu dou uma ordem, eu preciso explicar por que eu to pedindo aquilo. Eu tenho que provar que eu tenho embasamento daquilo que eu tô pedindo. Ele não.

Para a fase posterior do documentário planejamos entrevistar em vídeo ainda:

- Verônica Costa
- Valesca Popozuda
- Tati Quebra Barraco
- Anitta
- Ludmilla
- MC Carol de Niterói
- Deize Tigrona

ALGUMAS OBSERVAÇÕES FINAIS

Evidentemente, este tipo de pesquisa não tem uma conclusão definitiva. O que podemos notar ao estudar o funk, com foco especificamente nas mulheres, é que aquilo que se passa neste mercado e gênero musical, é um reflexo de problemas que estão em outras instâncias sociais, culturais e cognitivas da sociedade brasileiras e também em âmbito internacional.

Ao estudar a obra de Butler, várias questões que ela propõe, a partir de outros exemplos, acabam fazendo sentido também para analisar os depoimentos coletados com as funkeiras, assim como as falas de autores que integram a bibliografia utilizada.

As pesquisas de Jota Mombaça e Grada Kilomba que surgiram tardiamente na pesquisa, trazem também algumas inquietações voltadas especificamente às questões das mulheres negras e que refletem genealogias de poder que remetem à escravidão.

Há todo um campo de pesquisas que se abre e que se enreda em obras literárias escritas por mulheres negras, em ensaios filosóficos que repensam a filosofia branca e masculina, assim como outras experiências artísticas.

Como foi dito na introdução, esta dissertação nasce de uma prática profissional que segue lado a lado com as artistas e produtoras citadas nesta pesquisa. Torna-se evidente que há zonas de indistinção neste processo, uma vez que a autora da pesquisa é também em diversos momentos objeto dela, assim como as artistas analisadas estão longe de ser objetos de estudos, mas compartilham a autoria do documentário e de muitas falas que aqui reverberam.

O que foi ficando cada vez mais evidente na finalização deste mestrado é que, de fato, ele não finaliza aqui. Está completamente estendido no futuro documentário e nas questões que impactam a minha prática jornalística e curatorial.

Esta dissertação é, afinal, apenas um começo.

BIOGRAFIAS

MC DRICKA

- Nome: Fernanda Andrielli Nascimento dos Santos
- Nascimento: 07 de outubro de 1998
- Local: São Paulo
- Maiores hits: "Empurra Empurra", "Como se tá maravilhosa" e "E nós tem um charme que é da hora".
- História no funk: Começou sua carreira aos 9 anos cantando no coral da igreja. Já no funk, Dricka conseguiu romper as barreiras de ser mulher compositora de funk-putaria ao ter apoio de funkeiros na cena de Belo Horizonte. Com suas letras empoderadas e agressivas, ela tem como objetivo conquistar espaços previamente ocupados por homens no funk.

MC BARONNESA

- Nome: Jheslen Moraes
- Nascimento: 12/04/1994
- Local: Diadema -SP
- Músicas lançadas: "Sem conduta" / "Pode chorar" / "1100"
- História no funk: Jheslen Moraes (Baronnesa) é cantora, compositora e musicista desde 2014. Gravou um disco gospel em 2015 com dez faixas de autoria própria. Trancou a faculdade de Direito e decidiu migrar do gospel para o movimento funk. Compõe músicas prioritariamente críticas ao comportamento machista e sobre o empoderamento feminino. Em suas aparições na mídia destacam-se: Entrevista na Rádio exclusiva FM, apresentação no Programa do Ratinho SBT e UOL. Atualmente dedica seu tempo entre a carreira musical e ensinar mulheres a se empoderarem e lidarem com os desafios da vida feminina.

MC TRANS

- Nome: Ana Vitória
- Nascimento: 25 de julho de 1987
- Local: Nova Iguaçu, Rio de Janeiro
- Músicas lançadas: Para menino, Lacração, Não sou obrigada a nada

- História no funk: Após se assumir transexual para a família, MC Trans foi morar nas ruas, nos arredores da Central do Brasil, no Rio de Janeiro. Foi quando ela descobriu o funk e começou a trabalhar como cover oficial da Anitta, reconhecida pela própria cantora. MC Trans, então, começou a gravar suas próprias músicas e hoje é apresentadora do quadro "Me ajuda, Trans" no programa Hervolution, dedicado a mulheres do funk, no qual ela tenta solucionar algum problema relacionado a emprego, imagem, autoestima.

ANITTA

- Nome: Larissa de Macedo Machado
- Nascimento: 30 de março de 1993
- Local: Rio de Janeiro
- Principais Hits de Funk: Show das Poderosas, Vai Malandra, Bang, Meiga e Abusada.
- História no funk: Em 2010, ainda como MC Larissa, Anitta foi descoberta pela Furacão 2000 após publicar um vídeo no YouTube. "Show das Poderosas" foi a faixa que alçou Anitta ao topo das artistas de funk pop. Hoje, o clipe já acumula cerca de 170 milhões de visualizações no YouTube. A cada lançamento, a artista foi se afirmando mais na sonoridade e nas referências da música pop do que no funk e, assim, começou a construir sua carreira internacional, com canções em espanhol e em inglês, flertando com ritmos como reggaeton e até com o rock ("*Boys don't cry*", 2022).

VALESCA POPOZUDA

- Nome: Valesca Reis Santos
- Nascimento: 6 de outubro de 1978
- Local: Rio de Janeiro
- Maiores hits no funk: Beijinho no ombro, Eu sou a diva que você quer copiar, Agora eu sou solteira, Late que eu to passando
- História no funk: Considerada uma das precursoras do movimento feminino no funk, a carreira de Valesca Popozuda no funk ganhou notoriedade ao integrar o grupo feminino Gaiola das Popozudas, de 2000 a 2012. Um ano depois de sair em carreira

solo, ela lançou um dos hinos do funk, "Beijinho no ombro". Valesca, que antes de ingressar no funk trabalhou como frentista em posto de gasolina, fez diversas turnês internacionais.

DEIZE TIGRONA

- Nome: Deize Maria Gonçalves da Silva
- Nascimento: 1 de janeiro de 1979
- Local: Rio de Janeiro
- Maiores hits no funk: Injeção, Bandida, Sadomasoquista, Prostituto
- História no funk: Considerada um dos nomes mais importantes na história do funk entre as mulheres, Deize começou sua carreira como MC enquanto se dividia no trabalho como empregada doméstica. O sucesso veio com o lançamento de "Injeção", no início dos anos 2000, produzida por DJ Marlboro, e que ainda internacionalizou a carreira de Deize ao ser sampleada pela cantora inglesa M.I.A., na faixa "*Bucky Done Gun*". Foi o produtor americano Diplo quem descobriu Deize e fez outras parcerias com a funkeira, como "Bandida", "Me chinga" e "Prostituto". Essas parcerias renderam uma série de shows para Deize na Europa e uma turnê no Canadá, que acabou sendo cancelada quando ela decidiu assumir o sobrinho recém-nascido, filho de sua irmã usuária de drogas, que ameaçou vendê-lo. Em 2018, Deize concedeu uma entrevista ao site UOL⁵⁴ na qual disse que estava trabalhando como gari havia cinco anos, para sustentar sua família. Em 2021, Deize voltou ao mainstream com uma versão repaginada de "Sadomasoquista (Vem de chicote)", faixa lançada 19 anos antes.

TATI QUEBRA BARRACO

- Nome: Tatiana dos Santos Lourenço
- Nascimento: 21 de setembro de 1979
- Local: Rio de Janeiro
- Músicas lançadas: "Boladona", "Dako é bom", "Sou feia, mas to na moda", "69

54

<https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2018/11/25/deize-tigrone-foje-ganho-a-vida-como-gari-mas-ai-nda-componho-musicas.htm>

Frango Assado"

- História no funk: Nascida na Cidade de Deus, Tati Quebra Barraco começou a frequentar bailes funk aos 12 anos. Ela é uma das pioneiras do feminismo no funk, já que levou assuntos como sexualidade e empoderamento feminino às letras, enquanto nesta época, por volta de 1999, a mulher cantava sobre romantismo e amor no funk. Em 2000, ela lançou seu primeiro álbum, "Tati Quebra Barraco", mas foi em 2004, com o lançamento de seu segundo álbum, "Boladona", que ela atingiu o mainstream, com uma fila de hits produzidos por DJ Marlboro. A faixa homônima ao álbum chegou a ser tema da novela América, da TV Globo, em 2005.

MC CAROL DE NITERÓI

- Nome: Carolina de Oliveira Lourenço
- Nascimento: 6 de outubro de 1993
- Local: Niterói, Rio de Janeiro
- Músicas lançadas: "100% Feminista"
- História no funk: MC Carol de Niterói lançou uma das faixas mais emblemáticas da luta feminista no funk, em 2016, sob nome de "100% Feminista", em parceria com Karol Conká. Mas Carol ganhou notoriedade anos antes, ao lançar "Bateu uma onda forte", "Jorginho me empresta a 12" e "Liga pro Samu". Carol tem um perfil questionador em suas músicas, seja para criticar o machismo, ou até mesmo a História. Em "Não foi Cabral" ela questiona o descobrimento do Brasil como é contado nos livros de História.

MC CACAU

- Nome: Claudia Mendes dos Santos
- Nascimento:
- Local: Bahia, mas radicada em Duque de Caxias, no Rio de Janeiro
- Músicas lançadas: "Rap do Baile" e "Porque eu te amo",
- História no funk: Hoje chamada pela imprensa de "A primeira Anitta", a baiana que se mudou para Duque de Caxias, no Rio de Janeiro, aos cinco anos, começou a cantar em 1994, aos 19 anos. Ou seja, depois de 20 anos da chegada ao país da sonoridade que

gerou o funk brasileiro e cinco anos depois do lançamento de "Funk Brasil", o LP mencionado nesta dissertação como o marco do funk brasileiro, subia ao palco a primeira mulher para cantar em um baile funk, mandando um recado já em sua música de estreia, "Rap do Baile" (1995): "Se eu entrei pro funk, agora não vou sair".

LEXA

- Nome: Léa Cristina Lexa Araújo da Fonseca
- Nascimento: 22 de fevereiro de 1995
- Local: Rio de Janeiro
- Músicas lançadas: "Sapequinha", "Provocar", "Só depois do carnaval", "Chama ela", "Kikada do ano", "Combatchy", "Barbie"
- História no funk: Depois de alguns anos se apresentando em bailes funk do Brasil, Lexa lançou seu primeiro álbum em 2015. Mas foi em 2018, ao lançar "Sapequinha", que Lexa se consolidou como uma grande artista do funk, mais precisamente do funk pop. Logo depois, ela lançou a faixa "Provocar", com Gloria Groove. E segue soltando alguns dos maiores hits do segmento. Ela é casada com o também funkeiro MC Guimê e os dois juntos já participaram do seriado "Vai que cola", do Multishow.

POCAH

- Nome: Viviane de Queiroz Pereira
- Nascimento: 17 de outubro de 1994
- Local: Rio de Janeiro
- Músicas lançadas: "Bandida", "Mulher do poder", "Não sou obrigada", "Barbie"
- História no funk: Lançada no funk como MC Pocahontas, Pocah precisou mudar seu nome por conta de uma treta judicial com a Disney, que detém os direitos do nome Pocahontas, que é uma de suas princesas. Pocah estourou em 2012 com o hit "Mulher do poder" e foi construindo seu caminho no funk pop, até participar do reality show Big Brother Brasil, em 2021.

REBECCA

- Nome: Rebecca Alves

- Nascimento: 5 de junho de 1998
- Local: Rio de Janeiro
- Músicas lançadas: "Cai de boca", "Barbie", "Coça de xereca", "Tô preocupada", "Combatchy"
- História no funk: Com origem no samba, já que era passista do Salgueiro, Rebecca tinha dúvida se seguia neste gênero ou se migrava para o funk. Como ganhou de presente uma composição de Ludmilla, "Cai de boca", ela não teve muita dúvida nem escolha de qual ritmo seguir. A partir daí, ela foi convidada para diversos feats com nomes como Anitta, Lexa, Pocah, etc.

TATI ZAQUI

- Nome: Tatiane Zaqui Ferreira da Silva
- Nascimento: 18 de fevereiro de 1994
- Local: São Caetano do Sul, São Paulo
- Músicas lançadas: "Surtada", "Parará Tibum", "Água na boca" e "Escandalosa"
- História no funk: Tati Zaqui começou no funk lançando versões ou faixas ainda amadoras no YouTube., homenageando artistas de quem era fã, como MC Daleste, Justin Bieber e MC Kauan. Seu primeiro hit foi "Parará Tibum", produzido por DJ Perera, na pegada do funk ousadia. Em 2019, ela lançou com Dadá Boladão e OIK o megahit "Surtada", um brega funk, que chegou ao primeiro lugar do *Spotify* e bateu a marca de 138 milhões de plays.

JOJO MARONTTINNI OU JOJO TODYNHO

- Nome: Jordana Gleise de Jesus Menezes
- Nascimento: 11 de fevereiro de 1997
- Local: Rio de Janeiro
- Músicas lançadas: "Que Tiro Foi Esse?"
- História no funk: Nascida e criada em Bangu, subúrbio do Rio de Janeiro, Jojo Todynho teve sua carreira alçada à fama depois de "Que tiro foi esse?" viralizar nas redes sociais e, conseqüentemente, nos players de música e no YouTube. A faixa foi um dos grandes hits de 2018. Em 2020, ela foi a vencedora do reality show "A

fazenda" e em 2021 ela estreou seu programa de entrevistas no Multishow, o "Jojo nove e meia".

DANI RUSSO

- Nome: Daniela da Silva Ribeiro
- Nascimento: 25/02/1998
- Local: São Paulo
- Músicas lançadas: "Solo seduzente", "Solteiro nunca está só", "Oh quem voltou", "A melhor do baile"
- História no funk: Nascida na Brasilândia, periferia de São Paulo, Dani Russo hoje conta com mais de 11 milhões de inscritos em seu canal no YouTube, onde começou a publicar vídeos de comportamento quando tinha 16 anos. Em 2016, ela assinou com a *KondZilla*, por intermédio do amigo e também funkeiro Kevinho, e começou a lançar seus funks, gênero do qual era fã, especialmente dos mais "pesadões", como disse em entrevista ao UOL.⁵⁵

LIA CLARK

- Nome: **Rhael Lima de Oliveira**
- Nascimento: 15 de fevereiro de 1992
- Local: Santos, São Paulo
- Músicas lançadas: "Trava trava", "Boquetáxi", "QMT", "Terremoto"
- História no funk: Lia Clark é reconhecida como a primeira drag queen no funk, após seu lançamento de "Trava trava" em 2016. Lia é formada em Engenharia de Produção e se lançou como drag no tempo livre que tinha no trabalho como engenheira. Em 2017, ela lançou a faixa "Boquetáxi", que entrou na lista dos vídeos em alta do YouTube. Porém, o clipe recebeu uma restrição de idade podendo ser acessado somente por maiores de 18 anos, por conta de seu conteúdo. Lia e seus fãs se manifestaram e acusaram o *player* de machismo e homofobia, argumentando que vários clipes de artistas homens héteros têm conteúdo semelhante e não sofrem essa

⁵⁵ Entrevista de Dani Russo ao site UOL: <https://entretenimento.uol.com.br/reportagens-especiais/dani-russo-uma-estrela-do-funk-que-quer-conquistar-o-mundo/#page7>

restrição. O YouTube, então, voltou atrás na decisão.

MC MIRELLA

- Nome: Mirella Sierra Fernandez
- Nascimento: 8 de junho de 1998
- Local: São Caetano do Sul, São Paulo
- Músicas lançadas: "Ela não é santa", "Eu não perdi, me livre!", "Te amo piranha", "Quer mais?"
- História no funk: MC Mirella começou sua carreira no funk em 2016, na vertente ousadia, e logo estourou com as faixas "Ela não é santa", "Eu não perdi, me livre!", "Te amo piranha", além de uma parceria de sucesso com Pocah, "Quer mais?", essa em 2018. Em 2020, ela alçou caminhos para além da música, participando do reality show da Record, "A Fazenda".

LUDMILLA

- Nome: Ludmilla Oliveira da Silva
- Nascimento: 24 de abril de 1995
- Local: Duque de Caxias
- Maiores hits: "Hoje", "Te ensinei certin", "Cheguei", "Sou eu", "Favela chegou", "Verdinha", "Din din din", "Onda diferente".
- História no funk: Ludmilla começou a fazer sucesso no funk, em 2012, com o sucesso da faixa "Fala mal de mim", ainda sob a alcunha de MC Beyoncé, por ser muito fã da cantora americana. Em 2013, ela assinou com a Warner Music e passou a usar seu próprio nome. No mesmo ano, ela lançou seu álbum de estreia, "A danada sou eu", que já tem grandes hits do pop funk, como "Hoje" e "Te ensinei certin". A partir daí, Ludmilla se tornou um dos grandes nomes do funk, com uma pegada pop. Ela ainda chegou a gravar um disco de pagode, gênero da qual é assumidamente fã e que também carece de mulheres.

MC KATIA

- Nome: Katia

- Local: Rio de Janeiro
- Músicas lançadas: "Ata vai me pegar"
- História no funk: MC Katia, conhecida como Katia a Fiel, por se autointitular como a "defensora das mulheres casadas e comprometidas", segundo sua biografia no *Spotify*. Ela começou no funk aos 29 anos, no início dos anos 2000, com o hit "Ata vai me pegar". Aos 45 anos, em 2020, ela retomou sua carreira no funk, relançando a faixa com um remix de um dos maiores produtores da atualidade, JS O Mão de Ouro.

VANESSINHA PIKACHU

- Nome: Vanessa
- Nascimento: 1984
- Local: Rio de Janeiro
- Músicas lançadas: "Pikachu", "Rap da Kawasaki", "Atoladinha" e "Melo do DJ"
- História no funk: Vanessina Pikachu estourou nos bailes do Rio de Janeiro em 1999. Chegou a fazer sete shows por noite. Hoje trabalha como professora de Educação Física em uma academia no Rio de Janeiro.

MC PINK

- Nome: Livia de Oliveira dos Santos
- Músicas lançadas: "Rap do Garrincha"
- História no funk: MC Pink estreou, aos 15 anos, já no fim dos anos 1990, no funk no baile do Clube de Olaria. Seu primeiro lançamento já foi um grande hit, o "Rap do Garrincha", uma homenagem a seu pai, também conhecido como "o craque das pernas tortas", que ela sequer viu jogar.

CLAUDIA MEL

- Nome: Claudia Félix de Freitas
- Local: Rio de Janeiro
- Músicas lançadas: "O sol, a lua e o mar", "Gosto de mel", "Vem pra mim"
- História no funk: Claudia Mel foi descoberta pelo radialista Luís Carlos Nascimento que a apresentou para Maia Funk, da M Funk Records. Ela se dedicou ao funk

romântico, chegando a gravar "Vem pra mim", grande sucesso dos anos 1990, com MC Marcinho, referência nesse segmento. Atualmente, convertida à religião evangélica, ela é cantora de música gospel e pastora.

VERÔNICA COSTA

- Nome: Verônica Chaves de Carvalho Costa
- Nascimento: 31/04/1974
- Local: Rio de Janeiro
- Músicas lançadas: Bonde das Glamurosas, Desce Glamurosa, Vem com a Mãe Loira
- História no funk: Verônica Costa é fundadora da Furacão 2000, junto com seu então marido, Rômulo Costa. Ela foi apresentadora do programa que era exibido primeiramente na CNT do Rio de Janeiro e posteriormente para o Brasil todo na mesma emissora. Ela foi apelidada pela comunidade do funk como Mãe Loira e desempenhava um papel de conselheira da comunidade, com palavras de autoajuda em seus programas na TV e na rádio. Após se consolidar como apresentadora e revelar inúmeros talentos, Verônica decidiu apostar também na música como cantora. Atualmente, ela exerce seu sexto mandato como vereadora no Rio de Janeiro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBUQUERQUE, Gabriel. **KondZilla e redes de música pop periférica: estética, mercado e sentidos políticos**. Recife: 2020.
- ALMEIDA, Silvio. **Racismo Estrutural**. Polem Produção Editorial, 2019
- AZ MINA. **Funk e Feminismo**: As MCs que provam que funk também é lugar de mulher. Publicado pelo Canal AzMina, YouTube. São Paulo: 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0XrNAue54vo>
- BARROS, Carolina V. **Direitos da mulher nos meios de comunicação de massa**. São Paulo, Scortecci, 2016.
- BEZERRA, Julia; REGINATO, Lucas. **Funk**: A batida eletrônica dos bailes que contagiou o Brasil. São Paulo: Panda Books, 2017.
- BORGES, Rebeca. **Cantoras ultrapassam preconceitos e dificuldades por serem mulheres no funk. Brasília. 2019**. Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2019/01/20/interna_diversao_arte,731605/cantoras-ultrapassam-preconceitos-e-dificuldades-por-serem-mulheres-no.shtml
- BUTLER, Judith. **Corpos em aliança e a política das ruas**: Notas para uma teoria performativa de assembleia. 3^a. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. 18^a. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.
- BUTLER, Judith. **Corpos que importam**: os limites discursivos do sexo. 1^a. ed. São Paulo: N-1 Edições, 2019. 400 p.
- BUTLER, Judith. **Vida precária**: Os poderes do luto e da violência. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.
- COSTA, Verônica. **Meu patrimônio é a minha história**. Rio de Janeiro: 2020. <https://www.youtube.com/watch?v=mfl1iDaia9xE>.
- DELGADO, Jeferson. **O Corre do Funk**. 2018. Disponível em: <https://tab.uol.com.br/edicao/funk/#o-corre-do-funk>
- ESSINGER, Silvio. **Batidão**: Uma história do funk. 1^a. ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.
- FERREIRA da SILVA, Denise. **Em estado bruto**. in revista Ars, v.17 n.36, 2019.
- FOLHA DE SÃO PAULO. **"É tudo uma grande brincadeira"**. 09/03/2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff0903200129.htm>.
- G1. **Só Surubinha de Leve**, de MC Diguinho, São Paulo. 2018. Disponível em:

<https://g1.globo.com/pop-arte/musica/noticia/so-surubinha-de-leve-de-mc-diguinho-sera-excluida-do-Spotify-apos-ser-acusada-de-fazer-apologia-do-estupro.ghtml>.

GLOBOSAT PLAY. **Princesas do Funk**. Rio de Janeiro: 2020. Publicado e exibido pelo Canal Bis. Disponível em: <https://globosatplay.globo.com/assistir/c/p/v/8379434/>

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

GREINER, Christine. **Leituras do Corpo**. São Paulo: Annablume, 2003.

GREINER, Christine. **O corpo em crise: novas pistas e o curto-circuito das representações**. São Paulo: Annablume, 2010.

KATZ, Helena; GREINER, Christine. **Arte e Cognição: Corpomídia, Comunicação, Política**. São Paulo: Annablume, 2015.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação: Episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

KONDZILLA. **Os sucessos do funk cantados por elas**. 2018. Disponível em: <https://KondZilla.com/m/os-sucessos-funk-cantados-por-elas/#materia>

LOPES, Adriana. **Funk-se quem quiser: no batidão negro da cidade carioca**. São Paulo: Unicamp, 2010.

MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. Lisboa: Ed n-1, 2018.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. São Paulo: Ed n-1, 2018.

MOMBAÇA, Jota. **A Plantação cognitiva**. São Paulo: MASP, Afterall, 2020. <https://masp.org.br/uploads/temp/temp-QYyC0FPJZWoj7Xs8Dgp6.pdf>.

PRECIADO, Paul, **Manifesto Contrassexual**. SP: ed n-1, 2015

RAMOS, Isabella. **Entre ‘perifeminas’ e ‘minas de artilharia’**: participação e identidades de mulheres no hip hop e no funk. São Paulo: USP, 2016.

ROMAGNOLLO, Giulia; GASPARINI, Gabriela. **Mulheres no funk: da origem até os dias de hoje**. 2017. Disponível em: <https://medium.com/@laboratoriodejornalismo2017/mulheres-no-funk-da-origem-at%C3%A9-9-os-dias-de-hoje-3e97755ddfad>

SÁ, Simone Pereira de. **Música pop-periférica brasileira: videoclipes, performances e tretas na cultura digital**. 1ª ed. Appris. 2021.

VIANNA, Hermano. **O mundo funk carioca**. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

VINCENT, Rickey. **Funk: The music, the people, and the rhythm of the one**. St. Martin's Griffin, 1996.